

5 As apresentações

Entre agosto e setembro de 2009, apresentações em inglês utilizando o recurso digital Power Point foram produzidas e implementadas por quarenta e seis aspirantes de Marinha da Escola Naval do Rio de Janeiro, como parte do programa institucional de ensino de língua estrangeira . O tema das apresentações foi deixado em aberto, de modo que cada aspirante pudesse escolher o assunto do qual falaria a seus colegas e à professora. O tempo disponível para cada apresentação foi limitado a quinze minutos, com mais dez minutos para uma breve discussão, comentários ou perguntas.

Os quarenta e seis aspirantes cujas apresentações serão analisadas nesta parte do estudo participaram da discussão preliminar relatada na seção 4.1 deste capítulo, da discussão posterior às apresentações, relatada na seção 4.2 e também responderam ao questionário discutido na seção 4.3. A análise das apresentações objetiva investigar detalhadamente a produção individual desses aspirantes, e a maneira pela qual diferentes semioses contribuem para a construção de significados. Os slides são, a princípio, classificados através do modelo de Rowley-Jolivet, descrito na seção 3.3, e, posteriormente, através de um novo modelo de classificação proposto neste trabalho, mais apropriado para slides digitais – a Esfera Multimodal.

A discussão desta análise, bem como as respostas dos aspirantes às discussões e ao questionário, sugerem, como se verá no Capítulo 6, que a prática de produzir e conduzir apresentações em Power Point é um recurso didático valioso. Apesar das fortes críticas feitas ao programa, ele certamente pode ser empregado para estimular a expressão de opiniões e pensamentos em atividades ligadas à prática oral, e a integração dos aprendizes com seus colegas de turma, num contexto de aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

5.1 O conteúdo das apresentações

As apresentações que serão aqui analisadas tratam de assuntos bem variados, como era de se esperar, visto que seu tema foi livremente escolhido por cada autor. Pode-se, entretanto, perceber a existência de áreas de maior ou menor concentração temática onde cada apresentação naturalmente se insere. Para fins deste estudo, optei por criar tres categorias principais, com a possibilidade de divisão em subcategorias. Essas tres categorias principais remetem à preocupação dos aspirantes com aspectos da vida militar, à sua curiosidade por lugares e a seus interesses pessoais. A quantidade proporcional de apresentações relacionadas a cada uma dessas categorias está ilustrada no Gráfico 5:

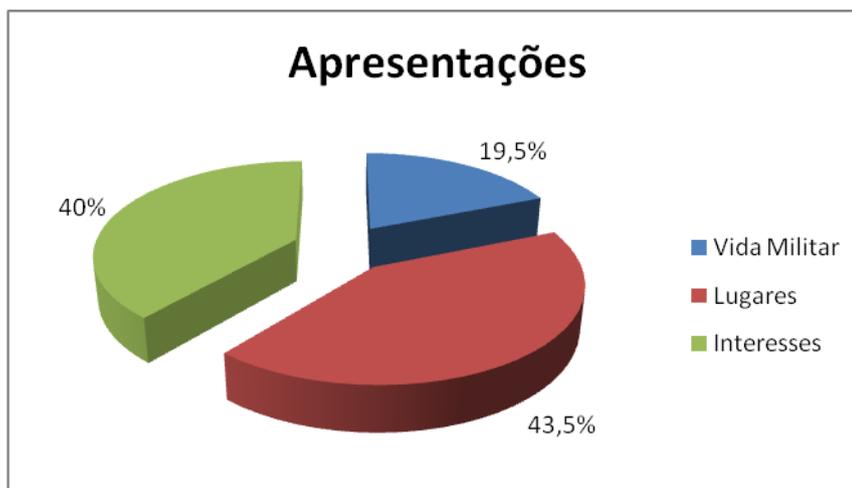


Gráfico 5 – Temas das quarenta e seis apresentações

A primeira categoria listada, **Vida Militar**, é a menos numerosa, com nove apresentações. Uma possível explicação para o aparente reduzido interesse dos aspirantes no tema que é, afinal, a razão de seus estudos na Escola Naval, pode estar nos comentários feitos por eles durante a discussão posterior, ao comparar as apresentações feitas para a aula de inglês e para outras matérias. Na opinião de vários grupos, as primeiras despertaram “mais interesse por terem assuntos variados – escolha livre”, o que foi reiterado por outros grupos, que afirmaram ser “o interesse do tema a diferença predominante” entre as apresentações nas aulas de inglês e as demais. Considerando-se que os aspirantes vivem na Escola Naval em regime de internato, estudando diariamente matérias que enfocam áreas

técnicas, tais como Navegação ou Operações Anfíbias, ou que estão diretamente relacionadas ao desempenho das funções de Oficial da Marinha, pode-se supor que a oportunidade de discorrer sobre outros assuntos seja interpretada como um breve e positivo afastamento de uma rotina prolongada e estafante. A necessidade de variedade transparece mesmo dentro dessa categoria, pois apenas quatro apresentações são estritamente ligadas ao aspecto profissional da vida militar. Duas outras referem-se a ações militares contemporâneas e três enfocam esportes ou atividades populares entre aspirantes ou militares.

A segunda categoria, **Lugares**, é a mais numerosa, com vinte apresentações. Isto é, a meu ver, facilmente explicável pela natureza das experiências e das expectativas dos atuais aspirantes e futuros oficiais de Marinha. Parte das atividades desenvolvidas ao longo do curso envolvem viagens a outros estados do Brasil ou a outros países. Além disso, cumpre notar que uma das grandes motivações para o sucesso nos estudos, e elemento que povoa o imaginário dos aspirantes, é a famosa “Viagem de Ouro” – a viagem de formatura dos novos guardas-marinha, ocasião em que dão a volta ao mundo a bordo do navio-escola U27. A importância atribuída a essa oportunidade de viajar e conhecer outros lugares pode ser comprovada na ilustração da revista interna *A Chalana*, anexada ao capítulo de Fundamentação Teórica deste estudo, na seção 2.2.2.

As apresentações da categoria **Lugares** podem ser organizadas de modo a compreender três subcategorias que partem do entorno geográfico da Escola Naval e vão se afastando, o que, de certa maneira, reflete a experiência dos aspirantes, que partem do Rio de Janeiro para ganhar o mundo no desempenho de suas funções profissionais. Assim, há quatro apresentações sobre a cidade do Rio de Janeiro, nove sobre diferentes cidades no Brasil e sete sobre lugares na Europa, África e Ásia.

A terceira categoria, **Interesses Pessoais**, é também bastante numerosa, com dezessete apresentações, que abordam um mosaico de assuntos sem relação explícita com o exercício da profissão de Oficial de Marinha. Há duas apresentações sobre Crime e Violência, quatro sobre Economia e Tecnologia, duas sobre Linguagem, duas sobre Música e Diversão, quatro sobre Psicologia e Saúde e três sobre Religião e Mitologia. É válido ressaltar, entretanto, que apesar de não diretamente ligados às atividades navais, quase todos esses temas são

objeto de discussão durante as aulas das diversas matérias que compõe a grade curricular do curso. Assim, religião e mitologia são discutidas em aulas de Filosofia, psicologia e saúde em aulas de Psicologia, tecnologia e economia em várias aulas específicas, e linguagens nas aulas de Inglês e Português. O tema Crime e Violência reflete as constantes discussões a respeito do papel desempenhado pelas forças armadas na proteção da população, e também, possivelmente, reflete uma preocupação real, visto que uma das apresentações trata da violência no Rio, assunto muito discutido pelos meios de comunicação na ocasião em que os dados do estudo foram colhidos, e a outra trata da Máfia, o que naturalmente remete ao crime organizado, também existente no Rio, onde todos os aspirantes residem, ainda que temporariamente. O último tema, Música e Diversão, reflete naturalmente os interesses de homens jovens, e evidencia sua percepção de que a música desempenha o duplo papel de estimular a colaboração entre amigos e excitar a sensualidade. O primeiro refere-se à participação em uma banda ou conjunto, como é o caso do cenário da apresentação *Verdana*, e o segundo refere-se a atividades sociais, como festas ou raves, nas quais a música é elemento importante e nas quais a aproximação sexual é sempre sugerida, como no cenário da apresentação *Getting on Well at Night*.

A lista completa das quarenta e seis apresentações, agrupadas por categoria e tema, com seus títulos originais e o nome fictício de seus autores, encontra-se na Tabela10:

Vida Militar	
Ações militares	1. <i>Honduran Military Coup</i> – Aymoré 2. <i>Hugo Chavez</i> – Cristiano
Atividades	3. <i>Kung Fu</i> – Armando 4. <i>Motorcycle</i> – Cesar 5. <i>The Pole Vault</i> – Renan
Marinha	6. <i>Comandos Anfíbios</i> – Batista 7. <i>The US Navy</i> – André 8. <i>Team Soldier</i> – Reinaldo 9. <i>US Naval Academy</i> – Antonio
Lugares	
Rio de Janeiro	10. <i>Sights from Rio de Janeiro</i> – Renato 11. <i>Rio x Recife</i> – Vicente 12. <i>Unknown touristic points of Rio</i> – Carlos 13. <i>The renovation of Rio de Janeiro</i> – Maciel

Brasil	14. <i>Belo Horizonte</i> – Milton 15. <i>Brasilia</i> – Alberto 16. <i>Manaus</i> – Teixeira 17. <i>Welcome to Paracambi</i> – Romildo 18. <i>Parintins</i> – Mauro 19. <i>Pernambuco</i> – Vitor 20. <i>Porto Alegre for tourists</i> – Barcelos 21. <i>Teresópolis</i> – Bruno 22. <i>The Northeast sertão</i> – Bernardo
Mundo	23. <i>Egypt</i> – Leonardo 24. <i>Halifax</i> – William 25. <i>Living Abroad</i> – Edson 26. <i>Namibia</i> – Ernesto 27. <i>Oslo</i> – Benedito 28. <i>The India on TV and the real India</i> – Leandro 29. <i>This is Ibiza</i> – Lucas
Interesses pessoais	
Crime	30. <i>Mafia</i> – Afonso 31. <i>Violence in Rio de Janeiro</i> – Paulo
Tecnologia	32. <i>CCTV</i> – Selmo 33. <i>Renewable Energy</i> – Borges 34. <i>Stock Exchange</i> – Pedro 35. <i>The Internet in Brasil</i> – Neymar
Linguagens	36. <i>Japanese</i> – Robson 37. <i>The Syndrome of Foreign Accent</i> – Zeus
Música	38. <i>Getting on well at night</i> – Raoni 39. <i>Verdana</i> – Tadeu
Psicologia e Saúde	40. <i>Aids in Africa</i> – Dimitri 41. <i>The Ten Factors of True Happiness</i> – Lucio 42. <i>The Truth Behind Disney's Fairy Tales</i> – Plinio 43. <i>If your life...</i> - Vanderlei
Religião	44. <i>Mayan</i> – Mauricio 45. <i>Norse Mythology</i> – Hugo 46. <i>The Creation of the world</i> - Meira

Tabela 10 – Lista completa das quarenta e seis apresentações

A distribuição percentual das apresentações de acordo com a organização em categorias e temas está ilustrada no Gráfico 6:

5.2 A dimensão visual das apresentações

Em sua análise de apresentações científicas, Rowley-Jolivet (2002) sustenta que os elementos visuais não são apenas decorações ou ilustrações, mas trazem consigo uma forte carga teórica e conceitual. Esses elementos não são imagens “transparentes” ou óbvias, mas representam o resultado de uma cadeia cognitiva que atribui visibilidade ao fenômeno sendo estudado. A autora conclui que “os elementos visuais da pesquisa científica são construtos estilizados, específicos para seu campo de estudo, e geralmente decodificáveis apenas por uma audiência específica”⁸⁹ (2002:23). Neste estudo, proponho que as apresentações feitas no contexto das aulas de inglês da Escola Naval fazem uso de elementos visuais que, ainda que decodificáveis por uma audiência de não-especialistas, certamente representam o resultado de uma cadeia cognitiva sofisticada, com o entrelaçamento de elementos que, segundo a classificação de Rowley-Jolivet, discutida na seção 3.3 do capítulo sobre Metodologia, classificam-se em *monossêmicos*, como gráficos e diagramas, e *polissêmicos*, como texto e fotografias.

Esta parte do presente estudo enfoca exclusivamente “a dimensão visual do monólogo do apresentador,”⁹⁰ (Rowley-Jolivet, 2002:21) pois é durante esta fase da apresentação que os slides são continuamente projetados. A dimensão verbal do evento, ou seja, a fala do apresentador, não constitui objeto desta pesquisa e será mencionada apenas quando relevante, no sentido de esclarecer ou aprofundar algum comentário sobre os elementos visuais. As dimensões emocionais / cognitivas do evento – as *oportunidades de aprendizagem* a que se refere Allwright (2005), e que têm impacto decisivo sobre a qualidade de vida em sala de aula, são analisadas nas partes do estudo referentes à discussão posterior às apresentações, e ao questionário individual, e que constituem, respectivamente, as seções 4.2 e 4.3 do capítulo A Percepção dos Aspirantes.

O modelo proposto por Rowley-Jolivet (2002) para análise dos elementos visuais em apresentações contempla quatro áreas distintas, pertencentes

⁸⁹ “The visuals of scientific research are stylized, field-specific constructs, and in general only the esoteric audience shares sufficient knowledge [...] to decode them.”

⁹⁰ “The visual dimension of the speaker’s monologue.”

a diferentes sistemas semióticos. Esses sistemas podem ser classificados como *monossêmicos*, se sua leitura permitir apenas uma interpretação, ou *polissêmicos*, se a leitura permitir interpretações múltiplas. As quatro áreas compreendem a área *numérica*, pertencente ao sistema matemático, monossêmico; a área *textual*, pertencente ao sistema lingüístico, polissêmico; e as áreas *gráfica* e *figurativa*, ambas relacionadas ao sistema visual, sendo a primeira monossêmica e a segunda polissêmica. Considerando-se cada área como um dos vértices de uma pirâmide de tres faces, essa tipologia permitiu que a autora classificasse todos os visuais observados nas apresentações, de modo que aqueles constituídos de elementos híbridos fossem situadas ao longo dos eixos conectores dos vértices. Assim, por exemplo, uma foto com legenda ficaria no eixo figurativo-textual e um quadro com números no eixo gráfico-numérico, como ilustrado na Figura 8:

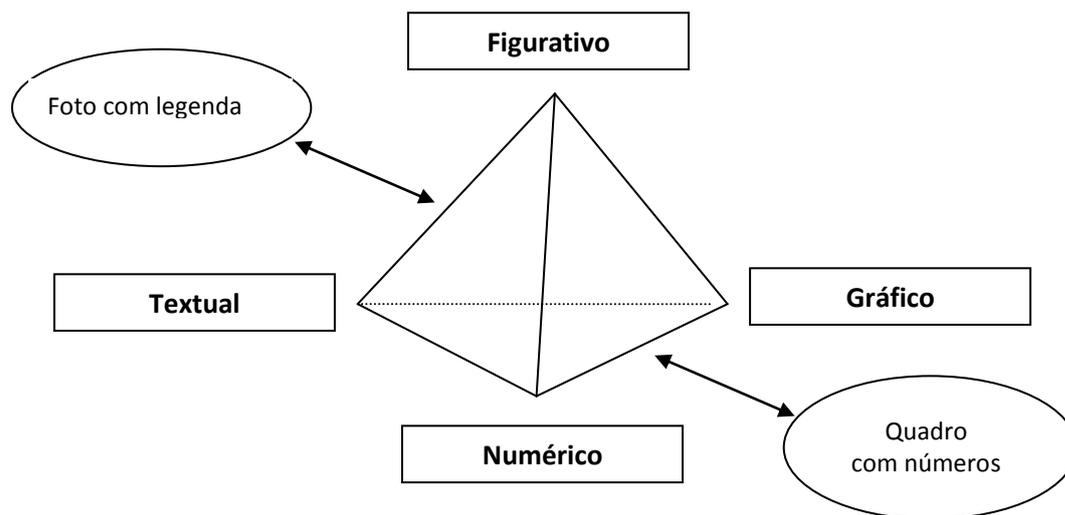


Figura 8 – Distribuição de elementos, segundo o modelo Rowley-Jolivet

Com relação aos slides do presente estudo, uma breve e superficial observação preliminar levou à percepção da quase inexistência de elementos numéricos. Rowley-Jolivet já havia constatado que elementos numéricos, tais como fórmulas, não são apresentados isoladamente, mas “gramaticalmente integrados ao texto”⁹¹ (2002:28). No caso dos dados coletados pela autora, a natureza científica das apresentações levava ao uso freqüente de fórmulas, dados percentuais e outras expressões numéricas, enquanto a natureza não-científica das

⁹¹ “[...] mathematical formulae [...] are not presented separately but are integrated grammatically into the text [...]”

apresentações analisadas no presente estudo não se presta naturalmente à divulgação desse tipo de informação. Os poucos números existentes nessas apresentações referem-se basicamente a datas ou quantidades, e, por esta razão, uma área de classificação puramente numérica não foi considerada nesta análise.

Partindo do pressuposto adotado neste estudo, de que tudo que é projetado num slide e percebido visualmente é considerado como *imagem*, para atender às necessidades desta pesquisa a tipologia adotada para a classificação dos visuais envolve seis tipos principais de imagem, a saber: Figurativa, Figurativa-Textual, Textual, Gráfica, Gráfica-Textual, e Numérica-Textual ou Figurativa. Além dessas, há um sétimo tipo de imagem que permite acomodar visuais que não se encaixem precisamente em nenhum dos tipos anteriores, como, por exemplo, imagens gráfico-numéricas ou triplamente híbridas. As figuras abaixo ilustram cada um desses tipos:

1. Imagem Figurativa – consiste em fotografia ou desenho artístico, sem texto inserido.



Figura 9 - Apresentação *Team Soldier*, slide 5

2. Imagem Figurativa-Textual – consiste na combinação de fotografia ou desenho e texto escrito.

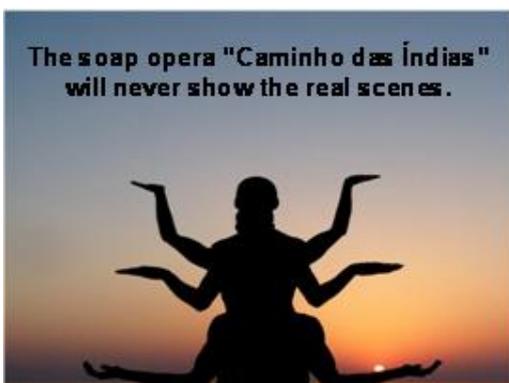


Figura 10 - Apresentação *The India on TV and the Real India*, slide 8

3. Imagem Textual – o slide exibe apenas texto escrito, sobre fundo que pode ser liso ou ter efeitos de sombra, granulação, ou outros, mas não exibe fotos ou desenhos figurativos.

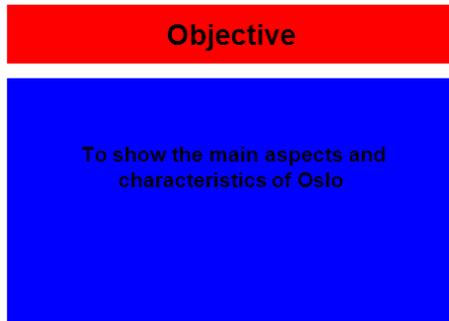


Figura 11 - Apresentação *Oslo*, slide 1

4. Imagem Gráfica – exibe mapas, diagramas ou gráficos de qualquer tipo (linha, barra, “pizza”, etc) e os respectivos números e legendas, sem outro tipo de texto escrito e sem imagens figurativas.



Figura 12 - Apresentação *Stock Exchange*, slide 4

5. Imagem Gráfica-Textual - o mapa, diagrama ou gráfico é acompanhado de algum tipo de texto escrito, além da legenda. O texto pode ser organizado em forma de parágrafo ou pontos de discussão (*bullet points*).



Figura 13 - Apresentação *Namibia*, slide 6

6. Imagem Numérica-Textual e Numérica-Figurativa – neste tipo de imagem, os números complementam o texto escrito ou a fotografia ou desenho figurativo.

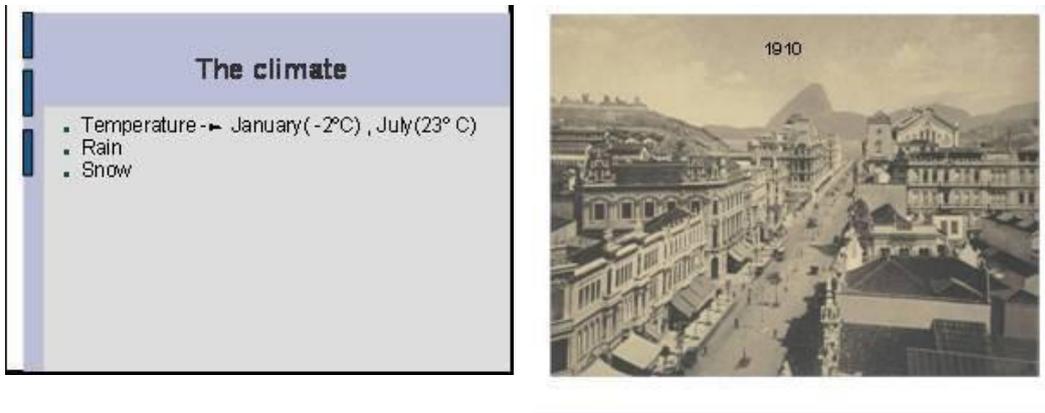
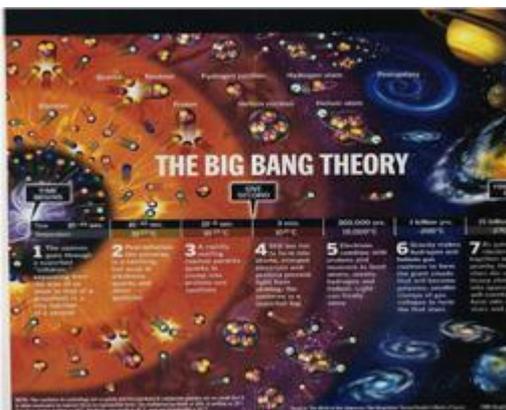


Figura 14 - Apresentação *Halifax*, slide 4, e Apresentação *Rio in the Beginning of the 20th Century*, slide 6

7. Imagens triplamente híbridas – são imagens complexas, nas quais fotografias, desenhos figurativos, textos escritos, e números isolados ou fórmulas matemáticas se combinam para produzir um significado também complexo, que exige a decodificação de todos os elementos para ser compreendido.

Gráfica-Numérica-Textual;



Gráfica-Figurativa-Textual



Figura 15 - Apresentação *The Creation of the World*, slide 8 e Apresentação *This is Ibiza*, slide 8

A tabulação geral dos elementos pertencentes às diferentes áreas, nos 640 slides das quarenta e seis apresentações, resultou na distribuição apresentada na Tabela 11:

Tipo de imagem	Número de Slides	Valor percentual
1. Figurativa	54	8,5%
2. Figurativa-Textual	425	66,5%
3. Textual	104	16%
4. Gráfica	5	0,8%
5. Gráfica-Textual	23	3,6%
6. Numérica-Textual / Figurativa	9	1,5%
7. Outras	20	3,1%
TOTAL	640	100%

Tabela 11 – Elementos visuais existentes nos 640 slides, segundo a classificação de Rowley-Jolivet

Os números acima evidenciam a vasta predominância dos visuais da área Figurativa-Textual, o que demonstra que muitos aspirantes compartilham a opinião expressa pelo grupo B durante a discussão preliminar, segundo a qual uma das vantagens de se utilizar o recurso Power Point em apresentações é que “figuras e elementos visuais usados com a palavra escrita (...) farão seu público reter a informação” (Capítulo 4, Seção 4.1.2). É digno de nota que esses aspirantes, ainda que leigos em relação a pedagogia ou a técnicas de ensino-aprendizagem, verbalizam os conceitos sugeridos pelos teóricos da aprendizagem multimodal (Mayer, 1997, Mayer e Moreno, 2003) e graficamente representados no Cone de Experiência (Dale, 1960), como discutido na seção 2.1.4 deste

trabalho. É bem verdade que a integração figurativa-textual existe também na página impressa e também aí auxilia a retenção da informação. O que é preciso levar-se em conta, entretanto, é que “página impressa e imagem projetada são coisas que têm aspecto diferente e causam sensações diferentes: elas *significam* de maneiras diferentes”⁹² (Jewitt, 2006:14).

Jewitt afirma que uma diferença fundamental entre ambas é que no mundo ocidental a página impressa, que normalmente se apresenta com orientação tipo “retrato”, ou seja, vertical, é, por excelência, território da língua escrita, e os elementos visuais são nela inseridos acompanhando o fluxo do texto – de cima para baixo, da esquerda para a direita. Os slides de Power Point, por outro lado, seguem orientação horizontal, tipo “paisagem”, e privilegiam a exibição de imagens. No cenário de Power Point, o texto é inserido nas imagens, e não ao contrário, como na página impressa. Ou seja, trata-se de diferentes modos de linguagem. Neste trabalho, a organização das imagens será examinada segundo as regras da Gramática do Design Visual, proposta por Kress e Van Leeuwen (1996) e discutida nas seções 2.1.2 e 2.1.3 do capítulo de Fundamentação Teórica.

Outra diferença fundamental é que além do entrelaçamento imagem-texto, há também o entrelaçamento de imagem estática, imagem em movimento, texto escrito, texto falado, música e efeitos sonoros, além de infinitas possibilidades de acesso aos sítios da Rede Mundial de Computadores através do uso de “botões de ação” ou “hyperlinks”. À guisa de exemplo, as Figuras 16 e 17 ilustram o entrelaçamento de diferentes mídias.

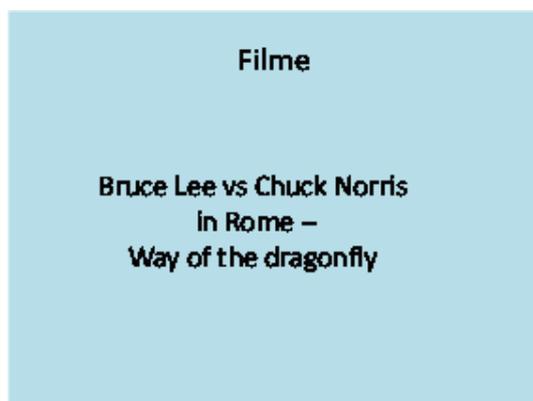


Figura 16 - Apresentação *Kung Fu*, slide 4

⁹² “Page and screen look different and they feel different: they *mean* different.”

Na Figura 16, o slide 4 da apresentação *Kung Fu*, a tela inteira constitui um hyperlink, de modo que um clique sobre ela remete a um trecho do filme *Way of the Dragonfly*, selecionado pelo autor da apresentação para complementar sua fala sobre essa modalidade de luta, já que o filme, usando as palavras do grupo B acima citado, certamente “fará o público reter a informação” com mais eficácia do que a mera exposição oral. Ao término do trecho, um novo clique faz a tela exibir o slide 5 da apresentação, sem haver interrupção de continuidade, o que aconteceria se houvesse necessidade de abrir um menu e procurar o programa desejado.

O segundo exemplo selecionado, a Figura 17, exibe o slide 8 da apresentação *Parintins*, que trata da festa folclórica amazonense representando a rivalidade entre os bois Garantido e Caprichoso.

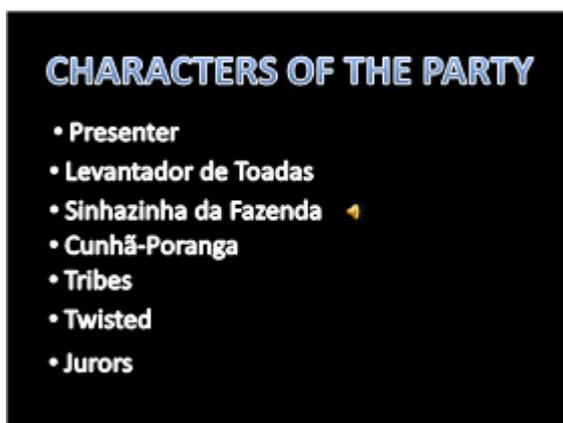


Figura 17 - Apresentação *Parintins*, slide 8

Neste slide, um botão de ação foi colocado ao lado da expressão “Sinhazinha da Fazenda”, e ao clicar sobre ele o apresentador faz o público ouvir a toada tipicamente associada a essa personagem. O slide permanece em exibição, e a toada se faz ouvir tantas vezes quantas forem desejadas, bastando clicar sobre o botão. Um toque no mouse do computador leva ao slide 9, prosseguindo com a apresentação.

A análise dos elementos visuais das apresentações segundo o modelo de Rowley-Jolivet, e a constatação da marcada preferência por imagens figurativas-textuais, indicam a tendência a combinar esses diferentes modos de linguagem

para construir significados. O fato de os conjuntos multimodais⁹³ serem projetados um a um remete ao que Mayer e Moreno chamam “segmentação”, e permite que o aprendiz “selecione palavras e imagens do segmento, e tenha tempo e capacidade de organizar e integrar o que foi selecionado”⁹⁴(MAYER & MORENO, 2003:47)

5.3 Da Pirâmide Imagética à Esfera Multimodal

Considerando-se os níveis de complexidade mencionados na seção acima, e evidentes nos slides analisados, fica bastante claro que o modelo de Rowley-Jolivet (2002), tão eficaz na análise e classificação de visuais projetados a partir de transparências ou slides fotográficos de 35mm, não abrange satisfatoriamente a multiplicidade de elementos presentes no recurso digital Power Point. O meio digital, segundo Jewitt (2006), disponibiliza uma série de potencialidades representacionais e comunicativas, das quais os usuários lançam mão em situações sociais específicas. Esse uso específico remete à teoria da atividade (Engeström, 1987; Daniels, 2001), e à mediação semiótica necessária para se atingir determinado objetivo.

Para Jewitt, a teoria da atividade foi elaborada a partir da teoria da aprendizagem de Vygostky (1981, 1986), que defende a importância da interação social no desenvolvimento do processo cognitivo. Essa teoria constitui “um suporte filosófico e multidisciplinar para estudar as diferentes formas das práticas humanas [...] com os níveis social e individual interligados ao mesmo tempo”⁹⁵ (KUUTII, 1996, s.p.). O mesmo autor prossegue definindo o conceito de *atividade*

⁹³ “Multimodal ensembles”, (KRESS, 2009).

⁹⁴ “The learner is able to select words and select images from the segment; the learner also has time and capacity to organize and integrate the selected words and images.”

⁹⁵ “Broadly defined, Activity Theory is a philosophical and cross disciplinary framework for studying different forms of human practice [...] individual and social levels interlinked at the same time.”

como “uma forma de ação direcionada a um objeto. A transformação desse objeto em um produto é a motivação da existência da atividade”⁹⁶ (1996, s.p).

Por analogia, a teoria da atividade defende a interação com os recursos físicos ou mentais disponíveis para possibilitar a interação social. É a essa interação com os recursos que se denomina mediação semiótica, e é ela que determina as potencialidades ou restrições que o usuário leva em consideração nas diferentes situações sociais. Segundo a teoria da atividade, a rede que se estabelece entre o usuário, os recursos, as regras sociais e os objetivos a serem atingidos pode ser representada no diagrama reproduzido na Figura 18 (JEWITT, 2006:24):

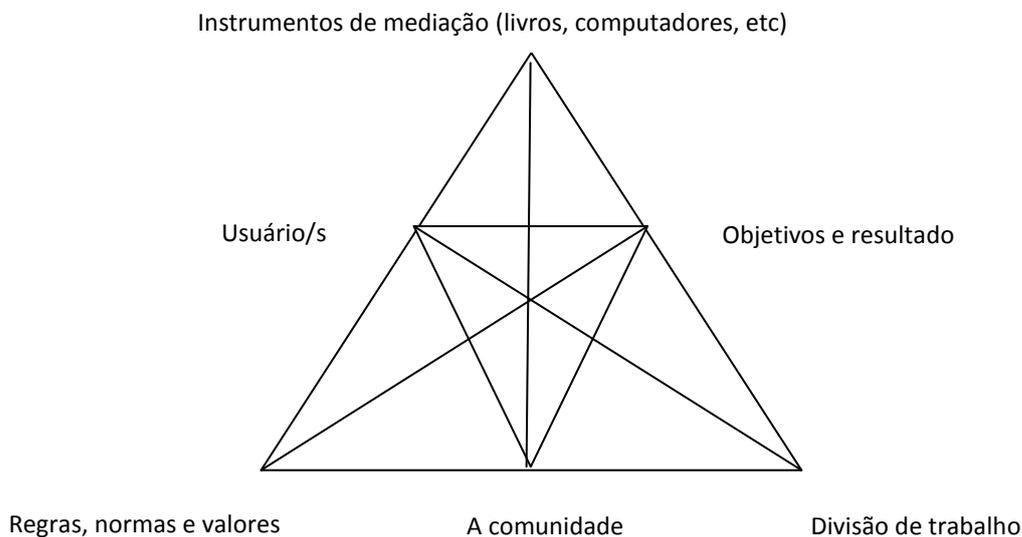


Figura 18 – A teoria da atividade

No caso do presente estudo, três elementos se destacam naturalmente na parte superior do triângulo que representa a rede de atividade: o uso do instrumento Power Point; os usuários do instrumento, ou seja, os aspirantes responsáveis pela elaboração das apresentações; e o objetivo a ser atingido, ou seja, a produção de apresentações que, nas palavras dos membros do grupo L, sejam “simples, objetivas, úteis e interessantes”. Quanto à base do triângulo, nela estão representadas a comunidade de prática da Escola Naval e as redes sociais que aí se estabelecem entre os aspirantes, e os aspirantes e a professora,

⁹⁶ “A form of doing directed to an object. [...] Transforming the object into an outcome motivates the existence of an activity.”

observando-se as regras e valores gerais da instituição, bem como as regras e valores vigentes na sala de aula de inglês. A observância a essas normas leva à divisão natural de atribuições e tarefas entre os aspirantes e a professora e cria o ambiente onde as apresentações são realizadas.

Nesse contexto em que a mediação semiótica digital é necessária para se atingir o objetivo proposto, é preciso considerar os elementos de uma abordagem social-semiótica à comunicação multimodal (KRESS, JEWITT et al, 2001). Em primeiro lugar, o uso de diferentes modos leva a diferentes construções de significado; em segundo, o significado construído de um modo se mescla ao significado construído de outro, e essa interação altera o significado original, criando um novo; em terceiro lugar, os sistemas de construção de significado são fluidos, desenvolvendo-se e transformando-se para atender às necessidades sociais. As apresentações de que trata esta pesquisa refletem a complexidade da comunicação eficiente num grupo social habituado à multimodalidade inerente ao uso de computadores ligados à Internet e aos telefones celulares multifuncionais.

Por esse motivo, os quatro vértices da pirâmide já citada no início desta seção são insuficientes para representar as diferentes combinações de imagem, som e movimento de uma apresentação em Power Point. Em vista disso, o presente trabalho propõe um novo modelo – a Esfera Multimodal, que permite representar um número ilimitado de elementos que mutuamente se influenciam e modificam, e que pode aplicar-se igualmente a situações de maior ou menor complexidade. A idéia da esfera multimodal se baseia na estrutura atômica, onde existe um núcleo ao redor do qual giram elementos em diferentes órbitas. No caso das apresentações de que trata este estudo, o núcleo é constituído pelo recurso digital, que oferece suporte às órbitas onde a comunicação é feita através de diferentes modos, como textos, fotografias, desenhos, filmes, efeitos visuais e sonoros, músicas e ligações com sítios da Internet. As esferas vão se tornando mais complexas à medida em que novos elementos vão sendo acrescentados, como novas camadas, mas a forma se mantém inalterada e a relação direta com o elemento central, o programa Power Point, também se mantém.

A idéia de esfera constituída por elementos que se movem, como na estrutura atômica, reflete a noção de movimento inerente ao recurso Power Point: slides que se sobrepõem ou se mesclam, imagens que surgem ou deslizam pela

tela, sons que podem ser ativados ou desativados a um toque num botão de ação, textos que se formam diante dos olhos da platéia, tudo isso constituindo um todo homogêneo – a apresentação. A figura abaixo procura ilustrar esquematicamente uma apresentação, e nesse esquema podemos perceber o núcleo central e vários níveis de complexidade, de acordo com os modos de significado escolhidos para os diversos slides que a compõem, como se explicará mais adiante nesta seção.

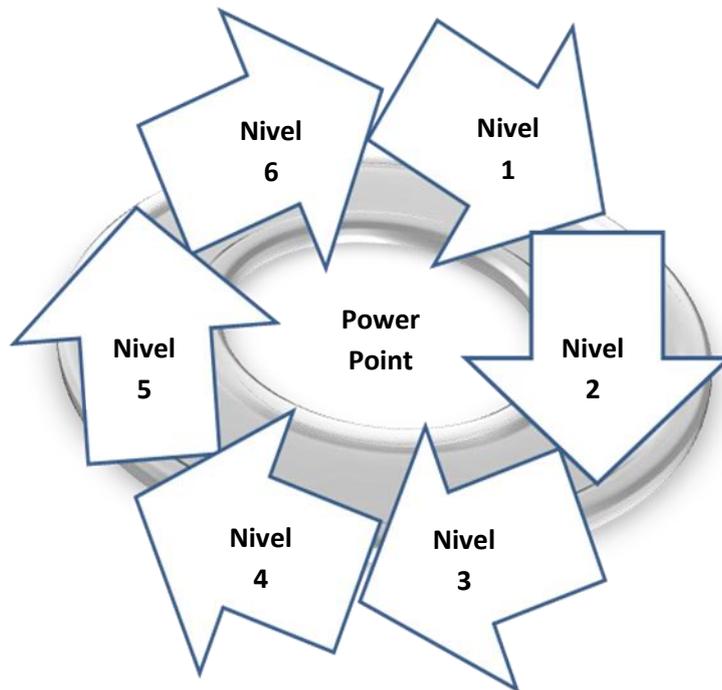


Figura 19 – A esfera multimodal

Para tornar possível uma classificação dos modos em níveis com diferentes graus de complexidade, é preciso levar-se em conta o que Kress denominou “materialidade e potencialidade”, ou seja, o fato de que “modo é um recurso semiótico socialmente elaborado e culturalmente aceito para a criação de significado” ⁹⁷(2009:79), e que deve atender às funções propostas pela teoria social-semiótica de Halliday (1985), e já discutidas na seção 2.1.3 deste trabalho. São elas a função *ideacional*, relativa a ações, estados e acontecimentos; a função *interpessoal*, que diz respeito às relações sociais dos participantes do evento comunicativo; e a função *textual*, que envolve a capacidade de criar “textos”, ou seja, elementos semióticos complexos, linguísticos ou não, que têm coerência

⁹⁷ “Mode is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning.”

interna e funcionam como mensagens completas. Como também já discutido na mesma seção, à essas funções a Gramática do Design Visual de Kress e Van Leeuwen (1996) propõe outras, que as replicam e melhor se aplicam aos elementos visuais: a função *representacional*, que trata das estruturas que constroem visualmente a natureza dos elementos envolvidos; a função *interativa*, que focaliza as relações entre os participantes representados ou entre o observador e a imagem; e a função *composicional*, que se refere aos significados obtidos através do valor informativo ou da ênfase dada aos elementos.

Kress prossegue argumentando que não causa surpresa o fato de não se poder responder conclusivamente se elementos tais como fonte, cor e layout constituem modos independentes, sem analisar as potencialidades de cada um e a forma como desempenham as funções acima mencionadas. Segundo sua visão, é necessário que no mundo atual “sejam delineadas categorias suficientemente abstratas e abrangentes para acomodar os significados da vida social contemporânea num universo comunicativo multimodal”⁹⁸ (2009:92).

Em se tratando dos slides aqui analisados, este estudo propõe categorias de significados em níveis crescentes de complexidade de elaboração, que partem do seguinte princípio: os níveis mais simples são estáticos; os seguintes apresentam movimento em forma de animação, efeito de transição ou inserção, e os mais elaborados possibilitam instâncias de *hipermodalidade*, segundo a definição de Lemke, para quem o termo se refere a “artefatos semióticos com diferentes organizações sintagmáticas [palavras, imagens, sons] ligados em redes complexas”⁹⁹ (LEMKE, 2002:300). Nesta análise de slides em Power Point, as categorias propostas levam em conta: modelos pré-definidos; modelos personalizados; transições simples, como a transição de transparências ou de slides fotográficos; transições com animação; inserção de sons ou vídeo; e ligações com outros programas ou a Internet.

Ao todo, são seis os níveis propostos, todos compartilhando um núcleo comum, o recurso digital Power Point:

⁹⁸ “[...] what is needed are categories at a level general and abstract enough to encompass all the meanings of contemporary social life in the multimodal communicational world.”

⁹⁹ “[...] semiotic artifacts in which signifiers on different scales of syntagmatic organization are linked in complex networks or webs.”

- Nível 1: modelo pré-definido pelo programa, com transições simples e sem uso de animações;
- Nível 2: slides personalizados, confeccionados um a um, com transições simples, sem animações;
- Nível 3: modelo pré-definido e animações na transição dos slides ou na inserção de texto ou imagens;
- Nível 4: slides personalizados e animações;
- Nível 5: modelo pré-definido com acesso a efeitos sonoros, música, filme ou sítio da Internet;
- Nível 6: slides personalizados com acesso a efeitos sonoros, música, filme ou sítio da Internet.

As figuras abaixo ilustram cada um desses níveis:

Nível 1 – modelo pré-definido, sem uso de animações



Figura 20 - Apresentação *The Differences Between Rio and Recife*, slide 2

Este exemplo, um slide com o sumário da apresentação, foi produzido segundo um padrão oferecido pelo programa Power Point. O autor da apresentação pode optar por seguir o mesmo padrão em todos os slides, em cujo caso as cores e motivos de fundo se repetirão, assim como a cor e o tamanho da fonte. Quanto à disposição de elementos na tela, há nove diferentes tipos de layout que podem ser automaticamente selecionados, e que compreendem, entre outros, Título, Título e Conteúdo, Imagem com Legenda, ou Duas Partes de Conteúdo, o que é o caso do exemplo apresentado, em que uma parte é constituída de texto escrito e a outra de imagens.

Nível 2 – modelo personalizado, sem uso de animações

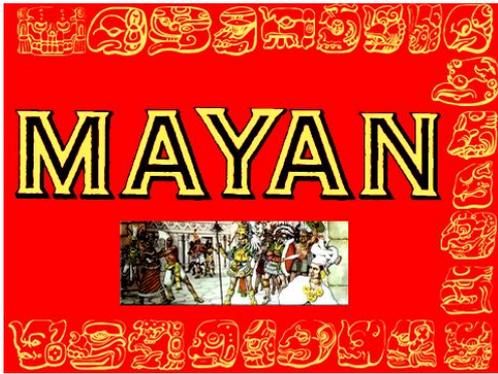


Figura 21 - Apresentação *Mayan*, slide 1

Ao contrário do exemplo anterior, slides deste tipo são produzidos individualmente, podendo-se alterar as cores de fundo, os motivos e as fontes num determinado slide sem que a modificação afete os demais. No caso da apresentação *Mayan*, o autor escolheu a mesma cor de fundo para todos os slides, o que serve como elemento unificador, uma vez que a disposição dos textos e visuais varia bastante. A moldura escolhida para o slide de abertura, aqui representado, não existe como opção pré-definida e foi criada pelo autor a partir de pequenas unidades colocadas lado a lado. O título foi inserido através do recurso de escrever-se em “caixa de texto” e a imagem importada de algum sítio da Internet ou digitalizada a partir de um livro ou revista. O processo de produção de slides como este é, naturalmente, mais demorado e complexo que o anterior.

Nível 3 – modelo pré-definido, personalizado através do uso de animações



Figura 22: Apresentação *Hugo Chavez*, slide 1

Numa apresentação construída a partir de um modelo pré-definido, a personalização dos slides pode ser conseguida através de animações associadas aos momentos de transição de slides ou de inserção de textos ou imagens. No caso aqui representado, o slide foi construído de acordo com o lay-out tipo “Título e Conteúdo”, que determina o espaço ocupado pelo título e sua centralização, e permite inserir a imagem, que se ajusta automaticamente ao espaço disponível. Este é o primeiro slide da apresentação e aparece totalmente formado ao primeiro toque. Ao segundo, entretanto, um efeito visual leva ao slide seguinte. Como o apresentador escolheu a opção de “Efeito de Transição Randômico”, a cada vez que a apresentação for feita o efeito será diferente: a imagem poderá deslizar para a esquerda revelando o seguinte, abrir-se como se fosse uma cortina, ou dissolver-se para mostrar o próximo slide.

Nível 4 – slide personalizado, com acréscimo de animações

A apresentação *The Ten Factors of True Happiness*, ilustra o uso de animação para criar um efeito dramático. O tema da apresentação são os fatores que, segundo pesquisas científicas, contribuem para a sensação de felicidade. O slide reproduzido na Figura 23 afirma que riqueza é o primeiro desses fatores, acrescentando que “pessoas ricas são, em geral, mais felizes”, e essa afirmação é realçada pelo plano de fundo que mostra uma nota de cem reais sobreposta a um gráfico, provavelmente com informações financeiras. A mensagem implícita é que o apresentador concorda com o texto impresso e o está transmitindo como verdade. Segundo a lógica de Tufte (2004), para quem uma apresentação em Power Point é “um momento de venda”, o apresentador usa o marcador (*bullet point*) para “alvejar” a platéia com uma informação que não admite réplica.



Figura 23- Apresentação *The Ten Factors of True Happiness*, slide 3

Essa atitude aparentemente prescritiva, entretanto, é quebrada pelo slide seguinte, exibido na Figura 24. Ao primeiro toque, a tela surge totalmente escura e depois, lentamente, a figura do cantor Michael Jackson numa pose clássica de dança vem deslizando da borda inferior para cima, até preencher totalmente o quadro, como se vê na reprodução.



Figura 24 - Apresentação *The Ten Factors of True Happiness*, slide 4

Durante o processo de formação da imagem o apresentador se mantém em silêncio e, após a formação completa da imagem, dirige-se aos espectadores perguntando “Do you agree?”. O efeito do entrelaçamento imagem-pergunta é duplo: os aspirantes que assistem à apresentação dão-se conta de que não há verdades inquestionáveis, e também de que o evento discursivo do qual participam é interativo, sendo deles esperado que se manifestem durante a projeção dos slides, e não apenas ao final, como numa situação mais formal. É preciso notar-se, naturalmente, que o efeito do slide 4 só é possível porque os espectadores são capazes de identificar o cantor pela sua linguagem corporal, uma vez que seu rosto não é visto, e porque conhecem sua história tumultuada e a associam com a de uma pessoa para quem riqueza e fama obviamente não trouxeram felicidade. Segundo a teoria social-semiótica de Halliday, a relação que se estabelece entre os dois slides funciona como uma mensagem completa num determinado evento comunicativo com um grupo específico de participantes. As imagens desempenham, portanto, as funções propostas pela Gramática do Design Visual de Kress e Van Leeuwen (1996): *representacional*, por construir visualmente a natureza dos objetos e participantes envolvidos; *interativa*, por construir a relação entre quem vê e o que é visto; e *composicional*, por distribuir o

valor da informação entre os elementos da imagem (UNSWORTH, 2004). Essas funções, como já discutido anteriormente, refletem, respectivamente, as funções *ideacional*, *interpessoal* e *textual* da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985).

Nível 5 – modelo pré-definido, com acesso a efeitos sonoros, música, vídeo ou sítio da Internet



Figura 25 - Apresentação *Honduran Military Coup*, slide 8

Este slide é o último da apresentação *Honduran Military Coup*, e ao ser projetado é acompanhado do som de aplauso, como se o apresentador estivesse parabenizando a si próprio e convidando os espectadores a manifestarem sua apreciação. A imagem mostra um grupo de pessoas sorridentes, que aplaudem e estabelecem contato visual com a platéia, de modo a envolver os espectadores e encorajá-los a aplaudir também. Como no exemplo anterior, este slide desempenha as tres funções da teoria social-semiótica de Halliday, pois constitui uma mensagem completa num determinado evento comunicativo com um grupo específico de participantes. Além disso, o slide sugere “que atitude os observadores devem ter em relação ao que é observado”¹⁰⁰ (JEWITT e OYAMA, In VAN LEEUWEN e JEWITT, 2004:145), através dos “vetores formados pelas linhas de olhares”¹⁰¹ (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996), que conectam os participantes representados na imagem e os participantes observadores.

¹⁰⁰ “[...] the attitude viewers should take towards what is being represented.”

¹⁰¹ “[...] vectors formed by the participants’ eyelines.”

Nível 6 - slide personalizado, com acesso a efeitos sonoros, música, vídeo ou sítio da Internet

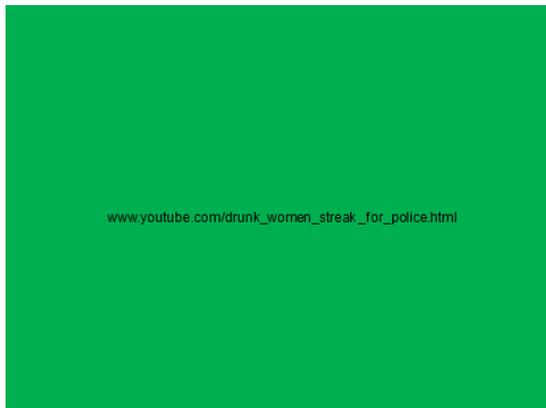


Figura 26 - Apresentação CCTV, slide 6

Este slide na verdade não contém informação em si, mas funciona como um portal de acesso para a informação que o apresentador deseja compartilhar. Mesmo assim, o slide constitui uma mensagem completa, uma vez que, nas palavras de Kress, “[a] atenção e o enquadre de elementos informativos, [a] conseqüente seleção de elementos e [a] construção do *conjunto de informação* é determinada pelas contingências impostas pela situação imediata”¹⁰² (2009:160). No caso, um slide de fundo monocromático, pondo em destaque um texto impresso, identificável como endereço de sítio da Internet, e com a expressão “youtube” claramente visível, é, na contingência de uma apresentação, facilmente reconhecido pelos espectadores como acesso ao que será exibido.

O slide em questão é o último de uma apresentação que trata do uso de câmeras de vigilância, e permite o acesso a um vídeo do programa YouTube, no qual duas mulheres são flagradas desafiando policiais e correndo nuas ao redor do carro de polícia. Esse tipo de acesso pode ser feito de duas maneiras: em tempo real, se o computador utilizado para a apresentação estiver ligado à Internet, ou através de material previamente selecionado e arquivado no computador. No caso das apresentações que são objeto deste trabalho, a segunda forma foi a utilizada para exibir qualquer material encontrado na rede mundial de computadores, uma vez que as salas de aula da Escola Naval não dispõem de acesso à Internet. De

¹⁰² “My attention and my framing of informational *stuff*, my consequent selection from that stuff and my making of my *ensemble* of information is shaped by the contingencies of the immediate situation.”

qualquer forma, o slide acima representado constitui uma instância de hipermodalidade, pois o vídeo a ser exibido encontra-se no espaço da Internet ou arquivado em outro compartimento virtual do próprio computador. Seja como for, para exibi-lo é preciso estabelecer uma ligação entre os dois arquivos, através da *rede complexa* a que se refere Lemke (2002).

Após essa ilustração de como os princípios semióticos operam nos slides, de acordo com a tipologia sugerida pelo modelo da esfera multimodal, a Tabela 12 mostra a análise dos 640 slides das quarenta e seis apresentações, e sua distribuição pelos seis níveis propostos:

Nível	Número de Slides	Valor percentual
1. Pré-definido, sem animação	132	21%
2. Personalizado, sem animação	317	50%
3. Pré-definido, com animação	78	12%
4. Personalizado, com animação	107	16%
5. Pré-definido, com música / vídeo	3	0,5%
6. Personalizado, com música / vídeo	3	0,5%
TOTAL	640	100%

Tabela 12 – Distribuição dos 640 slides pelos seis níveis da esfera multimodal

Os números dessa análise demonstram uma nítida preferência pelos slides sem animação, que, se forem considerados tanto os modelos pré-definidos como os personalizados, perfazem 71% do total. A explicação para essa preferência possivelmente se encontra na preocupação com o uso excessivo de efeitos, pois, na percepção dos aspirantes, “você não pode colocar informação demais nos slides, porque isso deixa a apresentação confusa”, como já sugerido na seção 4.1.2, que trata da discussão preliminar. Considerando-se “informação” como o conjunto de texto, imagens e sons de cada slide, é interessante notar que a percepção dos aspirantes da possível dificuldade de lidar simultaneamente com os slides e a fala do apresentador reflete as suposições de Mayer e Moreno (2003)

quanto ao processamento cognitivo da informação, mencionadas na seção 2.1.4 da Fundamentação Teórica deste trabalho. Segundo os autores, a aprendizagem multimodal envolve a ativação dos canais visual e acústico, que, entretanto, apresentam limitações quanto à quantidade de informação que pode ser processada de cada vez.

No extremo oposto da preferência dos autores das apresentações encontram-se os slides com música ou vídeo, que, juntos, perfazem apenas 1% do total. O número reduzido de situações em que estes recursos foram empregados causa surpresa, especialmente se confrontado com a opinião de um dos grupos durante a discussão posterior, segundo a qual o uso de vídeo é “o diferencial que prende a atenção da platéia”. Pode-se argumentar que esse tipo de inserção, dada a sua maior complexidade, exige um grau de conhecimento da tecnologia que nem todos os aspirantes possuem, e é, portanto, evitado. Em contrapartida, é possível também argumentar que ao optar por não usar na mesma apresentação texto, imagens, efeitos sonoros e vídeo, os autores estejam, ainda que intuitivamente, evitando a *superdosagem de multimodalidade* a que se refere Rose (2001).

Outra constatação decorrente da análise dos números é a preferência pelos slides personalizados, que perfazem 66,5% do total, em oposição aos modelos pré-definidos, que perfazem 33,5%. Se levarmos em consideração que produzir uma apresentação a partir de um modelo dado é certamente menos trabalhoso e mais rápido que elaborar os slides um a um, podemos inferir que os aspirantes-autores das apresentações procuraram, na maior parte dos casos, imprimir sua marca pessoal nos trabalhos a serem apresentados, de modo a não apenas cumprir a tarefa que lhes fora atribuída, mas fazê-lo da melhor maneira possível, de modo a causar uma boa impressão na professora e nos colegas de turma. Essa preocupação com o bom desempenho pode, a meu ver, ser explicada de duas formas: a própria natureza da instituição, que estimula os aspirantes a constantemente superarem seus limites, e a dimensão emocional da sala de aula, onde, nas palavras de Wright, estão refletidas “as tensões e complexidades sociais” e onde “ensino e aprendizagem são parte de tendências e práticas socioculturais mais amplas” (2006-71)¹⁰³.

¹⁰³ “Classrooms [...] mirror the wider society’s tensions and complexities. [...] classroom teaching and learning are seen as part of, not separate from, wider sociocultural trends and practices. “

5.4

A Esfera Multimodal: a aplicação do modelo

Esta seção visa ilustrar a aplicação do modelo proposto, e para tanto busca analisar quatro apresentações que fazem uso de recursos semióticos diferentes, em diferentes níveis de complexidade:

- a primeira apresentação, “**Mafia**”, faz uso de apenas um nível de complexidade, o Nível 2, uma vez que todos os slides são personalizados, porém sem animação;
- a seguinte, “**Porto Alegre for Tourists**”, utiliza dois níveis de complexidade, os Níveis 1 e 2, pois há slides que utilizam um modelo pré-definido e outros que são personalizados, nenhum dos dois tipos apresentando recursos de animação;
- a próxima, “**Renewable Energy**”, é mais complexa que as anteriores e emprega slides de três níveis diferentes, ou seja, slides personalizados sem efeitos, slides pré-definidos com animação, e slides personalizados com efeitos de animação, representando, respectivamente, os Níveis 2, 3, e 4;
- a última apresentação, “**Japanese**”, é a mais complexa de todas, e apresenta quatro níveis de confecção de slides, a saber, slides personalizados simples, slides pré-definidos com animação, slides personalizados com animação, e slides personalizados com música de fundo. Essa diversidade caracteriza, respectivamente, os Níveis 2, 3, 4 e 6.

Cada uma das quatro apresentações será a seguir analisada utilizando-se o modelo da Esfera Multimodal.

5.4.1

Apresentação *Mafia*

Esta apresentação trata da organização criminosa italiana e todos os slides que a compõe são personalizados, sem animação. O que inicialmente chama a atenção nesta apresentação é o fato de o autor ter optado por construí-la slide a slide, constantemente alterando o plano de fundo, o esquema de cores e os

elementos tipográficos. Nenhum dos onze slides que a compõe faz uso dos modelos pré-determinados, oferecidos pelo programa Power Point. Portanto, uma das características marcantes do programa, e que sofre restrições por cercear a criatividade do apresentador, foi evitada por este aspirante. Já outra característica severamente criticada por Tufte (2004), que consiste no uso dos marcadores ou *bullet points*, foi utilizada em cinco dos slides com o propósito de ilustrar ou exemplificar o que seria dito, como passarei a detalhar mais adiante. A terceira característica do programa, a inserção de fotografias ou desenhos, foi amplamente utilizada para complementar, ilustrar ou substituir o texto escrito.

A Apresentação *Mafia* consiste de onze slides produzidos separadamente, como já dito, todos eles incluindo imagens e texto. Os slides 1-7 apresentam uma unidade visual que lhes é conferida pelo estilo e cor do plano de fundo – as cores dominantes são sombrias, numa escala cromática que utiliza tons em sépia e marrom, as figuras remetem ao tema abordado e são difusas, com detalhes pouco evidentes. Cada slide foi elaborado com marcada preferência pelos elementos polissêmicos, incluindo-se fotografias importadas da Internet, e o conjunto convida ao exercício da intertextualidade, já que o conhecimento de mundo da platéia é elemento importante para a decodificação dos conteúdos. A seguir, passarei a analisar alguns slides individualmente.



Slide 1

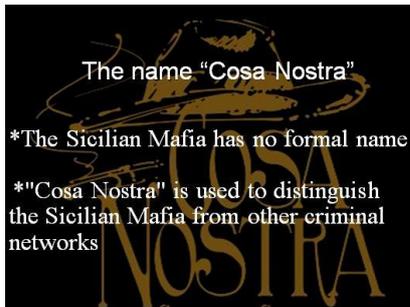


Slide 2

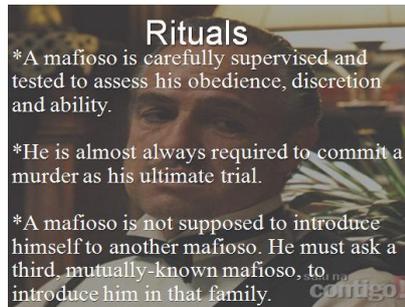
Figura 27 – Apresentação *Mafia*, abertura e contextualização

O slide 1, a abertura da apresentação, remete não apenas ao tema, o que faz de forma óbvia, com letras grandes, em cor contrastante, mas também ao hábito de jogar jogos de computador, comum entre os jovens, que fica evidente, ainda que de forma discreta, pelos dizeres “PC CD ROM” e a restrição à faixa etária de 18 anos, em letras pequenas, na parte superior do slide. A partir deste primeiro

slide já se sabe que o apresentador estará tratando de um tema real, e também de sua representação no mundo do entretenimento. Este mundo, aliás, está evidente no segundo slide, em que o plano de fundo para o sumário da apresentação é uma figura que remete a histórias em quadrinhos, mais especificamente àquelas destinadas a adultos, com temas que envolvem violência e sexo.



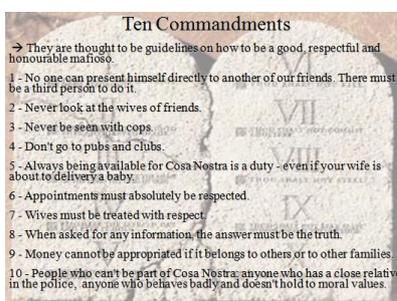
Slide 4



Slide 6

Figura 28 – Apresentação *Mafia*, referência à indústria cinematográfica

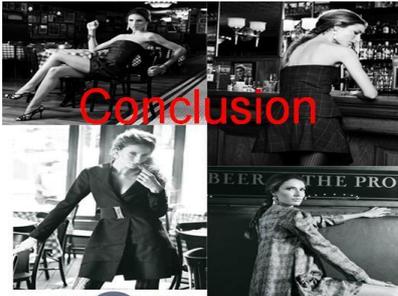
Os slides 4 e 6 remetem ao cinema, o primeiro lembrando um poster de filme, onde o termo “Cosa Nostra” sugere a figura de um homem vestindo um sobretudo com a gola levantada, tendo o rosto coberto pela gola, pela aba do chapéu e pela fumaça de um cigarro. O conjunto naturalmente remete ao estereótipo do gangster em filmes sobre a Mafia. O slide 6, por sua vez, mostra como plano de fundo uma fotografia do ator Marlon Brando em seu papel do patriarca Don Corleone no filme *O Poderoso Chefão* (*The Godfather*), o qual se tornou um ícone das produções cinematográficas sobre a Mafia. Em ambos slides nota-se o uso de marcadores, no primeiro para ilustrar a relevância do nome “Cosa Nostra”, e no segundo para exemplificar alguns rituais da organização.



Slide 7

Figura 29 – Apresentação *Mafia*, referência à religiosidade

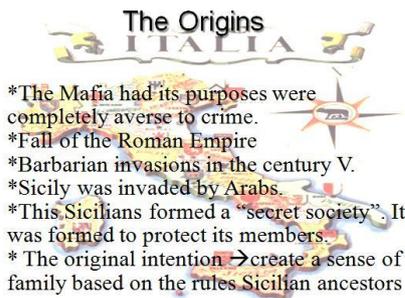
No slide 7, a intertextualidade se faz no plano da religiosidade, com a figura de plano de fundo remetendo às Tábuas da Lei que Moisés teria trazido do monte Sinai. Cabe lembrar que mesmo esta referência é intermediada pela indústria do entretenimento, uma vez que a imagem dos blocos de pedra com os mandamentos gravados nos é familiar em função do cinema.



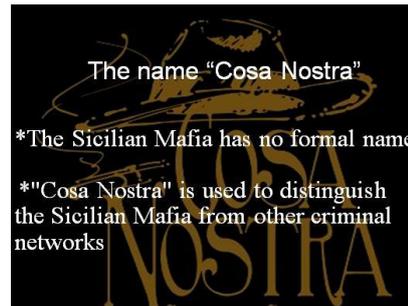
Slide 11

Figura 30 – Apresentação *Mafia*, nova referência ao cinema

Além da sequência 1-7, o último slide da apresentação, o slide 11, também faz referência explícita ao cinema. Neste caso, as imagens não são plano de fundo para texto, uma vez que apenas a palavra “Conclusion” aparece escrita, mas constituem exemplo de complementação do texto verbal, pois permanecem projetadas enquanto o apresentador conclui sua fala. Note-se que, diferentemente das figuras / fotos anteriores, estas são bastante nítidas e remetem a situações comuns em filmes sobre a Mafia ou outras organizações criminosas: mulheres atraentes, em atitudes que podem evocar convite sexual, expressar dúvida ou abandono, e mesmo força e comando, no caso da mulher que olha diretamente para a câmera. É também digno de nota o fato de que este slide remete aos primeiros por manter a unidade cromática sombria através do efeito preto-e-branco.



Slide 3



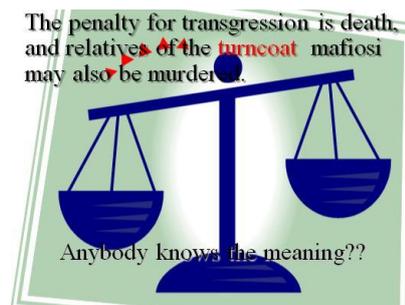
Slide 4

Figura 31 – Apresentação *Mafia*, ligação do tema com a realidade

A ligação do tema com a realidade fica evidente no slide 3, cujo plano de fundo situa geograficamente os ítems que vão sendo detalhados pelos marcadores, e no slide 4, que mostra a estrutura da organização criminosa, numa representação esquemática a que se sobrepõem informações também precedidas de marcadores. Como argumenta Tufte (2004), as informações, apresentadas uma a uma, vão sendo agrupadas por sequência, no caso do slide 3, ou pertencimento a um grupo, no caso do slide 4, e o texto é extremamente simplificado – omissão de verbos, sentenças reduzidas a expressões, o que acarreta empobrecimento do estilo. Acontece, entretanto, que as frases projetadas não devem ser vistas como texto isolado e sim como parte integrante do *conjunto multimodal* (KRESS, 2009) palavras-imagem, este, sim, um texto completo.



Slide 8

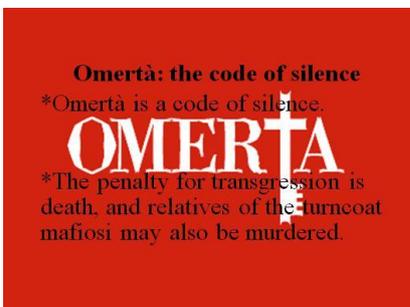


Slide 10

Figura 32 – Apresentação *Mafia*, elemento de interatividade

Na mesma apresentação, os slides 8 e 10 fogem ao padrão cromático até então estabelecido, e introduzem um elemento de interatividade explícita, uma vez que dirigem uma pergunta ao público – “Anybody knows the meaning??”. O uso do duplo ponto de interrogação pode ser interpretado como um convite enfático à participação ou, possivelmente, como expressão de dúvida, por parte do

apresentador, de que alguém saiba a resposta, o que caracteriza a pergunta como muito difícil e, conseqüentemente, um desafio. As cores claras, luminosas, parecem atenuar a pressão de responder a uma pergunta difícil e encorajar a participação.



Slide 9

Figura 33 – Apresentação *Mafia*, uso de cor para destaque

O slide 9, com plano de fundo em vermelho vivo, e a palavra “Omertà” centralizada, em enormes letras brancas, difere de todos os demais e é, possivelmente, o slide de maior impacto em toda a série. Seu tema é sinistro, o código de silêncio cuja quebra implica em morte para o culpado e sua família; a cor vermelha naturalmente remete ao sangue a ser derramado, e a letra T simula uma cruz situada em lápide.

Em suma, esta apresentação é plena de elementos visuais, emprega elementos monossêmicos como gráficos e diagramas, e polissêmicos como texto e fotografias, e faz uso abundante de animações personalizadas, tanto na transição de slides quanto em efeitos de entrada, saída e ênfase de itens. Como os slides não seguem um padrão, a projeção proporciona surpresas, desperta a curiosidade da platéia e a convida a interagir. Essa interatividade atinge seu ponto culminante nos slides 8 e 10, quando os participantes têm a oportunidade de rever os conceitos apresentados e partilhar seus conhecimentos prévios, de forma lúdica e instigante. Dada a variedade de elementos visuais, essa apresentação enseja a co-construção de conhecimento e a troca de experiências e impressões.

5.4.2

Apresentação *Porto Alegre for Tourists*

O tema é a capital gaúcha vista pela ótica de um grupo de jovens amigos, e a apresentação compõe-se de dezenove slides, em dois níveis de complexidade, com onze slides pré-definidos sem animação e oito slides personalizados, também sem recursos de animação. Como já dito no início da seção 5.2, a categoria “Lugares”, no qual esta apresentação se insere, reflete não somente a experiência profissional dos aspirantes mas também o interesse natural dos jovens em desejar conhecer novas cidades, novas pessoas e novas situações.



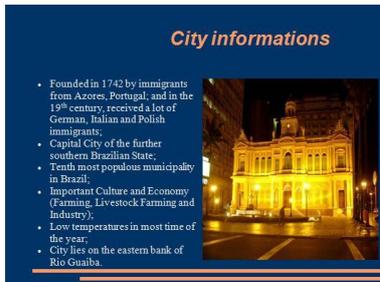
Slide 1

Figura 34 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, abertura

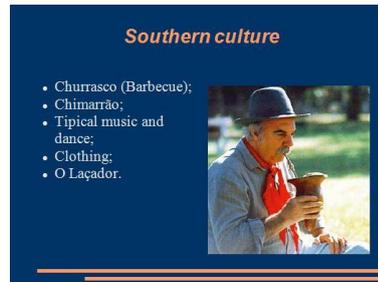
O slide personalizado de abertura deixa claro que a abordagem adotada para a apresentação não será a de descrever a cidade de forma impessoal, como num documentário. Ao contrário, o cunho pessoal da apresentação transparece na fotografia de um carro parado em lugar ermo, ao anoitecer, sugerindo uma pausa para descanso após longas horas na estrada. É como se o apresentador convidasse a platéia a embarcar em seu carro e ir com ele conhecer a cidade. E, de fato, o aspirante-apresentador começa sua fala dizendo que vai relatar a experiência que ele e dois colegas de classe tiveram ao viajarem juntos a Porto Alegre durante as férias de verão e acentua que vai, entre outras coisas, mencionar aspectos da vida noturna da cidade.

Esse tipo de abertura possibilita o estabelecimento imediato de um vínculo afetivo com essa platéia específica, em que todos, com exceção da professora, são homens jovens com desejos e interesses semelhantes. Numa situação assim, o espaço retórico “apresentação em sala de aula de inglês como língua estrangeira”

torna-se menos semelhante a uma exposição formal e mais a um convite para compartilhar experiências, uma vez que quase todos os presentes já tiveram a oportunidade de viajar com amigos, e quase todos certamente se interessam pelas atividades normalmente associadas à vida noturna e à sugestão de romance ou aventuras sexuais.



Slide 2



Slide 3

Figura 35 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, parte informativa

Já tendo estabelecido o vínculo, e, possivelmente, assegurado o interesse da platéia, o apresentador inicia a parte informativa da apresentação, fazendo uso de slides pré-definidos. O slide 2 identifica as características da cidade, com marcadores assinalando cada uma delas, e o mesmo padrão é adotado no slide 3, que destaca elementos da cultura sulina. Ambos seguem o padrão “Título-Texto-Figura” e a distribuição dos elementos textuais, à esquerda, e figurativos, à direita, reflete a relação “geral – específico” ou “contexto maior – exemplo” apontada por Kress (1996).



Slide 4



Slide 9

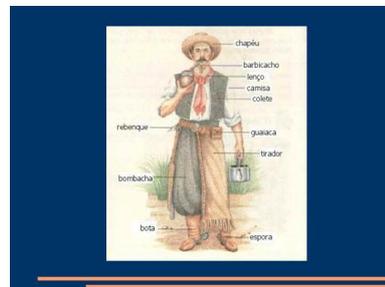
Figura 36 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, imagens ilustrativas

Os seis slides seguintes alternam o padrão pré-definido e personalizado, e são constituídos quase que exclusivamente por imagens ilustrativas dos costumes gaúchos mencionados no slide 3. O slide 4, por exemplo, é personalizado e mostra

a forma tradicional de se preparar churrasco, e o slide 9 exibe a foto de uma estátua de gaúcho inserida no plano de fundo do modelo pré-definido.



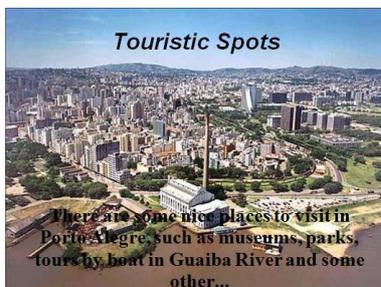
Slide 6



Slide 8

Figura 37 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, uso de scanner

Os slides 6 e 8 não apresentam texto propriamente dito mas apenas título, no caso do slide 6, e legenda, no caso do slide 8. É curioso notar que nas duas situações foi usado o português, apesar de a fala do aspirante ser apenas em inglês. A explicação dada por ele é que as imagens foram copiadas com uso de scanner, respectivamente, da capa de um CD e de um livro escolar brasileiro, e a manutenção do idioma português garantiria a autenticidade do material.

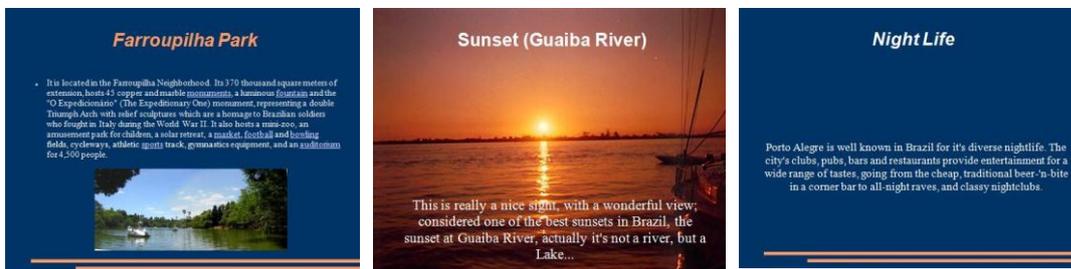


Slide 10

Figura 38 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, função de sinalização

O slide 10, personalizado, tem função semelhante à do primeiro, ou seja, sinalizar o que virá a seguir e de certo modo convidar os espectadores a fazerem um passeio. A imagem mostra uma vista aérea da cidade e a parte textual divide-se em título e texto explicativo. O título refere-se ao tema que será agora

abordado, e o texto¹⁰⁴ menciona alguns lugares interessantes em Porto Alegre, terminando com a expressão “alguns outros” seguida de reticências, numa clara indicação de que se pode esperar novas informações nos slides seguintes.



Slide 13

Slide 14

Slide 15

Figura 39 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, textos explicativos

De fato, os próximos slides mostram pontos turísticos e apresentam maior ou menor quantidade de texto explicativo. O slide 15 sinaliza a mudança de enfoque na apresentação, ou seja, a transição da fase meramente informativa, impessoal, para o relato de experiências pessoais, aguardado com curiosidade pelos colegas. Este slide usa o mesmo padrão do slide 13, mas marca o enfoque novo não pelo visual, mas pelas palavras: o texto¹⁰⁵ menciona situações que vão do simples “barzinho da esquina” até casas noturnas elegantes, passando por “raves” que duram a noite toda, situações essas que evocam a vivência dos aspirantes e estreitam o vínculo estabelecido desde o primeiro slide.

Esse vínculo atinge seu ponto máximo nos tres slides seguintes, onde se podem ver o aspirante-autor e seus amigos nas referidas situações. O efeito que esses slides têm nos espectadores é de, por um lado, estender até eles a experiência vivida e, por outro, despertar uma certa inveja de não ter estado presente aos eventos descritos. Esse duplo efeito tem origem na alta modalidade inerente às fotografias, que se propõe a mostrar os fatos como são, ao contrário

¹⁰⁴ “There are some nice places to visit in Porto Alegre, such as museums, parks, tours by boat in Guaiba River and some other [sic]...”

¹⁰⁵ “[...] entertainment for a wide range of tastes, going from the cheap, traditional beer-’n-bite in a corner bar to all-night raves, and classy nightclubs.”

dos desenhos, que, dotados de modalidade mais baixa, pertencem mais ao campo da fantasia que da realidade (VAN LEEUWEN, 2004:16)¹⁰⁶.



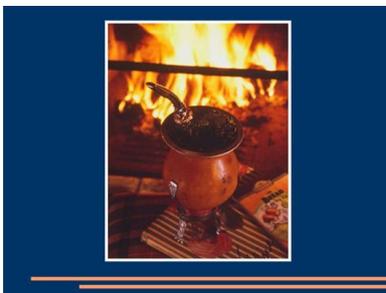
Slide 16

Slide 17

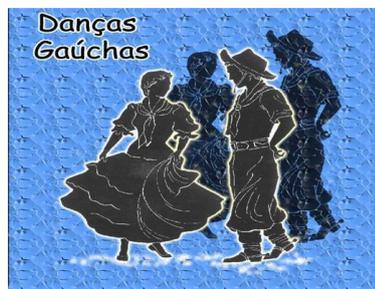
Slide 18

Figura 40 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, vínculo com a platéia

Esta apresentação, que busca envolver os espectadores numa experiência de viagem faz amplo uso de imagens de alta modalidade, o que confere veracidade ao relato, reservando duas imagens de modalidade mais baixa para a expressão de opinião ou comentário, como afirma Van Leeuwen¹⁰⁷. A Figura 41 exemplifica o primeiro uso do contraste fotografia-desenho num contexto explicativo.



Slide 5



Slide 6

Figura 41 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, alta e baixa modalidade

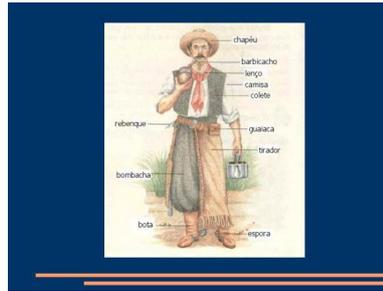
O slide 5 mostra a fotografia de uma cuia de chimarrão, e o slide seguinte é exibido enquanto o apresentador comenta que a bebida é comum nas festas onde há dança.

¹⁰⁶ “[...] photographs tend to have high modality. They purport to show the facts as they were [...] Drawings, on the other hand, are considered lower in modality, more in the realm of ‘fantasy’ than in the realm of ‘fact’.”

¹⁰⁷ “Drawings [...] have traditionally been associated with opinion and comment.”



Slide 7



Slide 8

Figura 42 – Apresentação *Porto Alegre for Tourists*, uso de baixa modalidade para ilustração

O segundo uso, ilustrado na Figura 42, mostra que o segundo slide se segue à fotografia de um grupo de gaúchos em cavalgada, e exibe os detalhes de seus trajes típicos. Como já dito, em *Porto Alegre for Tourists* esses casos de uso de desenhos são exceções, pois dada a natureza da apresentação, seu autor teve marcada preferência pelas imagens de alta modalidade, e usou a própria imagem como recurso de aproximação com a platéia.

5.4.3 Apresentação *Renewable Energy*

Esta apresentação se enquadra na classificação “Economia e Tecnologia”, pertencente ao grupo “Interesse Geral”, compõe-se de vinte e cinco slides, e foi construída em tres níveis de complexidade, com slides pré-definidos, slides personalizados, e ocasionais efeitos de animação, transição e realce. O tema, alinhado com as discussões ambientalistas atuais, aborda o uso consciente, sem desperdício, de diversas formas de energia. Ocorre, entretanto, que este tema também serviu ao propósito de exibir slides de natureza erótica que suscitaram reações variadas por parte dos espectadores, tais como exclamações e comentários de apreciação, sorrisos de identificação e olhares embaraçados, possivelmente em função da presença feminina da professora.

Na análise desta apresentação procurarei tecer considerações sobre a maneira pela qual o uso dessas imagens eróticas reflete os hábitos da comunidade de prática da Escola Naval, à luz dos conceitos desenvolvidos por Bergvall e Bucholtz. A primeira argumenta que a questão do gênero masculino / feminino na linguagem está relacionada a produzir e manter poder e prestígio (1996), e a

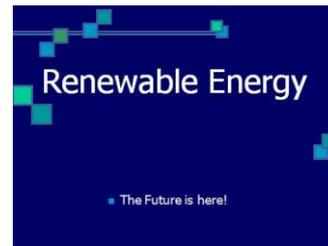
segunda afirma que “gênero [masculino / feminino] é um sistema complexo e contexto-dependente para produzir identidades e ideologias”¹⁰⁸ (2002:33). Como a Escola Naval é um contexto quase que totalmente masculino, o “poder e prestígio” do sexo masculino não são questionados, e a resultante ideologia de superioridade pode ser percebida na revista produzida pelos aspirantes, e também nesta apresentação.



Slide 1



Slide 2



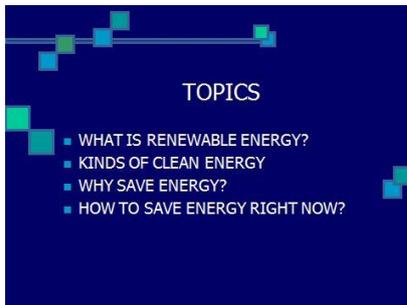
Slide 3

Figura 43 – Apresentação *Renewable Energy*, sequência de abertura

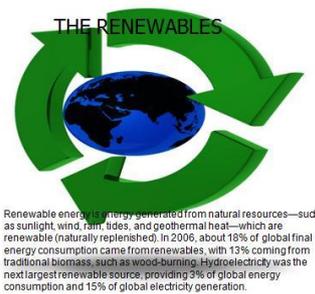
A apresentação se inicia com uma imagem sem texto, na qual fotos que ilustram diferentes tipos de energia são dispostas em forma circular, o que remete ao símbolo comumente usado para reciclagem e prepara os espectadores para uma discussão sobre “energia renovável, ou reciclável”. Como o apresentador fica alguns segundos em silêncio, cada espectador interpreta o que vê a seu modo, e aguarda que o tema seja esclarecido. Esse esclarecimento não vem logo a seguir, pois o slide 2, pré-definido, entra deslizando pela tela e exhibe o nome do apresentador, seu número e o número da classe, seguido pela expressão “The Best!!!” com tres pontos de exclamação. O auto-elogio pode ser, a meu ver, interpretado de duas maneiras: é uma característica da comunidade de prática da Escola Naval, onde os aspirantes são constantemente encorajados a superar limites e demonstrar excelência, e é também uma forma de aproximação com os espectadores, já que o elogio abrange todos os presentes, membros da mesma turma. Quando, a seguir, o slide 3 é projetado, surge primeiramente o fundo azul e o título da apresentação vai se formando diante dos olhos da platéia. Neste ponto, a atenção e a curiosidade estão garantidas: afinal, “se nossa turma é a melhor,

¹⁰⁸ “[...] gender is a complex and context-specific system for producing identities and ideologies.”

nossas apresentações também devem ser as melhores, vamos ouvir o que X tem a dizer!”



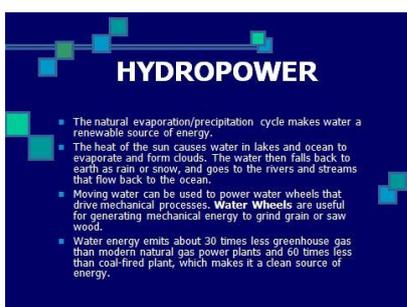
Slide 4



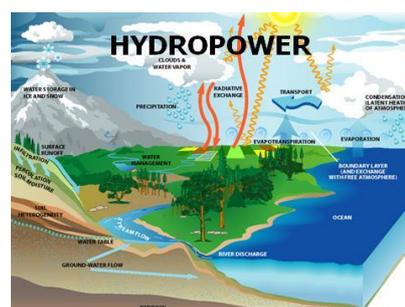
Slide 5

Figura 44 – Apresentação *Renewable Energy*, alternância de padrão

Do slide seguinte em diante não há mais efeitos de inserção, apenas de transição ou de realce, como passarei a detalhar. O slide 4 informa os quatro tópicos a serem abordados e ao deslizar para cima, à esquerda, revela o slide 5 que inicia a discussão do tema propriamente dito, fazendo uso da imagem que se convencionou associar à prática da reciclagem, e que já havia sido evocada pelas imagens dispostas em círculo do primeiro slide. A partir daí, e até o final da apresentação, o padrão que se repete consiste em slide azul, pré-definido, para anunciar o tópico ou exibir texto com explicações, e slide personalizado para ilustrar cada tópico discutido com desenhos ou fotografias.



Slide 7

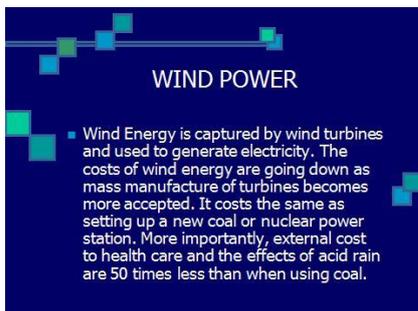


Slide 8

Figura 45 – Apresentação *Renewable Energy*, representação esquemática

Os slides 7 e 8, por exemplo, apresentam respectivamente um tipo de energia e sua representação esquemática visual, enquanto os slides 9 e 10,

representados na Figura 46, repetem o procedimento tópico-ilustração fazendo uso de fotografia.



Slide 9

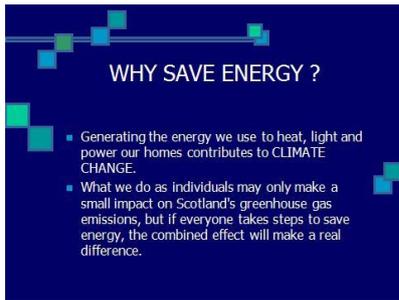


Slide 10

Figura 46 – Apresentação *Renewable Energy*, uso de fotografia

Os slides 8 e 10 exemplificam a distinção entre alta e baixa modalidade, descrita por Van Leeuwen e já mencionada na análise da apresentação *Porto Alegre for Tourists*. De acordo com a definição, o slide 8 pertence ao campo da fantasia e ilustra didaticamente o ciclo de evaporação e precipitação, que faz da água uma fonte de energia renovável, como se todas as etapas do ciclo ocorressem simultaneamente. Já o slide 10 não ilustra o processo de capturar a energia eólica em turbinas, mas mostra a imagem real de moinhos de vento. Para fins desta análise, pode-se dizer que o aspirante-autor optou por uma imagem de baixa modalidade para descrever um processo complexo e por uma de alta modalidade para trazer realidade para sua apresentação. O efeito da *função composicional* (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996) nos dois slides encontra-se, provavelmente, no valor informativo do desenho esquemático da primeira e na ênfase (UNSWORTH, 2001) dada à imagem de uma série de moinhos de vento na segunda.

A Figura 47 exhibe os slides 13 e 15, que marcam os pontos mais relevantes da apresentação, ou seja, a razão de se economizar energia e sugestões de como fazê-lo. Para denotar essa relevância, o autor fez uso de recursos visuais de realce nos dois slides. Ao serem projetados, os quadradinhos da margem esquerda piscam em sucessão, de cima para baixo, estimulando o olhar dos espectadores para o texto escrito.



Slide 13



Slide 15

Figura 47 – Apresentação *Renewable Energy*, recursos de realce

Ocorre que, como o texto do Slide 15 se constitui apenas da pergunta “Como salvar energia agora?”, o efeito é mais dramático e prepara os espectadores para a conclusão da apresentação. E é justamente na conclusão que as imagens eróticas referidas no início desta análise foram utilizadas.

A Figura 48 reproduz o slide em que uma das sugestões para economizar água, por exemplo, é “tomar banho junto”, o que se pode justificar dizendo que naturalmente o consumo de água seria reduzido, já que, teoricamente, um banho gasta menos água que dois.



Slide 17

Figura 48 – Apresentação *Renewable Energy*, uso de imagens eróticas

Acontece que a ilustração mostra um casal tomando banho de espuma numa banheira, e sua atitude, abraçados, com os rostos se tocando, sugere um clima de romance e remete a práticas sexuais, e não a higiene corporal. O contraste entre o sentido explicitado pelas palavras e sugerido pela imagem, e, principalmente, o uso da imagem num ambiente com jovens sexualmente ativos, aponta para a intenção do apresentador em justapor o discurso técnico da pergunta a uma visão mais leve e lúdica da situação. Nas palavras de Sturken e Cartwright, “a maioria, se não todas as imagens, têm um sentido preferido por seus produtores”

(2001:45)¹⁰⁹. O produtor dessa imagem quis, sem dúvida, atribuir uma conotação erótica a todas as sugestões feitas para “renovar energia”, como se verá na análise dos demais slides da apresentação.

Por exemplo, a proposição de Sturken e Cartwright se verifica com nitidez na sequência reproduzida na Figura 49, onde a sugestão para poupar combustível é pedalar.



Slide 18



Slide 19



Slide 20

Figura 49 – Apresentação *Renewable Energy*, contraste palavra x imagem

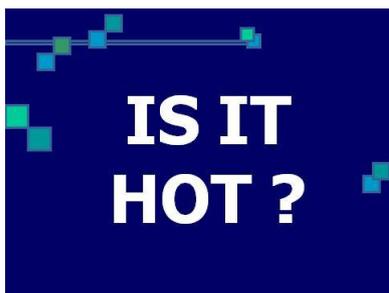
A primeira imagem é neutra e objetiva – um homem em trajes esportivos, usando luvas e capacete, pedalando sua bicicleta em meio ao trânsito. O texto, a palavra “cycling” no centro do slide, parece meramente informativa. Na sequência, entretanto, o slide 19 mostra uma jovem num reduzido biquíni, pedalando numa ciclovia junto à praia. Esse slide se compõe de tres fotografias da mesma jovem, de costas e de frente, pondo em destaque seu corpo bem definido, principalmente suas coxas e nádegas firmes, possivelmente “malhadas” em academia de ginástica. Sabendo-se da preferência brasileira por esta parte da anatomia feminina, certamente a escolha da foto não foi casual, assim como também não são casuais os tres pontos de exclamação que acompanham a palavra “cycling”. É como se o apresentador dissesse “para homens, a bicicleta é um meio de transporte, para mulheres, uma forma de manter o corpo bonito e desejável”. Ou seja, o objetivo ambiental de evitar emissões de gases tóxicos faz parte da ideologia masculina e só existe para homens.

O terceiro slide da sequência junta as noções homem-mulher-sexo-exercício numa imagem que remete explicitamente ao ato sexual com a mulher numa posição de submissão. A bicicleta da foto tem acoplada à sua estrutura uma figura

¹⁰⁹ “Most if not all images have a meaning preferred by their producers.”

tridimensional de mulher nua, hipoteticamente apoiada nos joelhos e cotovelos, e o homem que sobe na bicicleta parece penetrá-la por trás. Não há vídeo acompanhando este slide, mas é possível supor que o movimento de pedalar simule um movimento de repetida penetração. O texto “...and keep cycling”, iniciado por reticências e sem pontuação, pode sugerir uma mudança no sentido atribuído à palavra “cycling”, ou denotar algo como “isto é uma brincadeira, não é, de fato, uma forma de economizar energia”. Essa imagem, que causou embaraço em alguns presentes devido à presença da professora, e as duas anteriores, reforçam a proposição de Sturken e Cartwright segundo a qual

[...] o trabalho interpretativo da semiótica mostra que o sentido das imagens varia de acordo com o contexto, a ocasião, e os espectadores. [...] Portanto, podemos dizer que os significados não são inerentes às imagens. Ao contrário, são o produto de uma interação social complexa entre imagem, espectadores e contexto (2001:47).¹¹⁰



Slide 21



Slide 22

Figura 50 – Apresentação Renewable Energy, uso de imagem feminina

Na sequência acima, vemos a última imagem erótica da apresentação, que é exibida como sugestão para lidar com a situação sugerida em forma de pergunta no slide 21 – “Is it hot?”. A referida imagem, acompanhada da inscrição “so... open the windows”, consiste na fotografia de uma mulher nua deitada no peitoril de uma janela aberta, olhando diretamente para a câmera. Ao ser projetado o slide, a mulher parece estar olhando diretamente para os jovens espectadores, e sua postura e seus olhos semicerrados podem sugerir tanto o langor causado pelo calor

¹¹⁰ “[...] the interpretative work of semiotics shows us that the meaning of images changes according to different context, times and viewers. [...] Hence, we can say that meanings are not inherent in images. Rather, meanings are the product of a complex social interaction among image, viewers and context.”

quanto um convite sexual. O uso da palavra “hot”, também reforça a ambivalência entre calor atmosférico e temperatura corporal elevada por excitação sexual.

Nesta apresentação verifica-se então o uso de quatro imagens eróticas, das quais apenas uma reflete uma relação carinhosa entre homem e mulher, a saber, o slide 17, que mostra o casal na banheira. Nas tres outras, a figura feminina é tratada do mesmo modo que o é na revista *A Chalana*, mencionada na Seção 2.2.3 deste trabalho, como comprovam os exemplos a seguir.

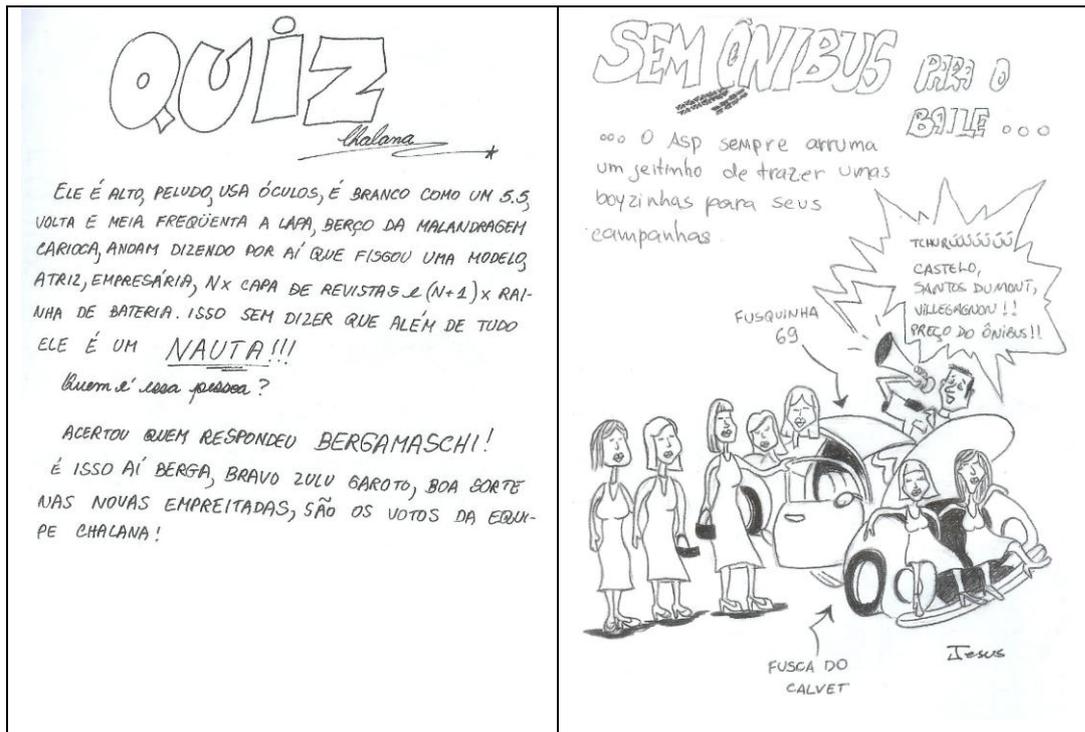


Figura 51 – Tratamento preconceituoso da figura feminina em *A Chalana*

O primeiro exemplo é um texto sem ilustrações, simulando um teste onde são dadas pistas para se adivinhar de quem se trata. Para esse tipo de realização lingüística foi adotado, segundo Halliday (1994), um modo metafórico de expressão, que confronta com o sentido congruente, literal, e insinua ao invés de afirmar: “... andam dizendo por aí que fígou uma modelo, atriz, empresária, N x capa de revista e (N+1) x rainha de bateria”. O texto é obviamente um elogio ao aspirante sendo descrito, já que seguido de “Bravo Zulu garoto, boa sorte nas novas empreitadas”, e sugere as qualidades que tornam uma mulher desejável – a beleza física e o dinheiro; ao mesmo tempo em que trata a figura feminina como presa a ser capturada (ou “fígada”) e o processo de conquista amorosa como tarefa a ser executada (“empreitadas”).

O segundo mostra um aspirante preparando-se para transportar várias moças em seu carro, a caminho de um baile. Os elementos visuais do cartum mostram um número maior de moças do que o carro, pequeno e pouco confortável, comporta carregar. O fato de haver duas delas instaladas na mala do carro, e a expressão fisionômica passiva das demais, sugere não apenas que as moças estão prestes a serem tratadas como carga, mas também que elas se conformam e aceitam esse tratamento. O texto, também metafórico, simula um informativo – “Sem ônibus para o baile... o Asp [aspirante] sempre arruma um jeitinho de trazer umas boyzinhas [meninas] para seus companhas [companheiros]”.

Os textos exibidos nos slides eróticos da apresentação *Renewable Energy* e aqueles da revista *A Chalana* exemplificam, segundo Bergvall (1999), características adquiridas da linguagem masculina, já que ligadas às formas lingüísticas pelas quais a identidade é construída. Estas formas estão ligadas à perspectiva da comunidade de prática, e são, portanto, recorrentes e facilmente identificadas por seus membros. De um modo geral, tanto nos elementos visuais quanto nas referências, a figura feminina é tratada como objeto de prazer e alvo de conquista. O elemento comum a todas as referências é a expressão da sexualidade dos aspirantes, no sentido que Bucholtz atribui à palavra: um sistema constituído por ideologias, práticas e identidades que dão um significado sociopolítico ao corpo (2004).

5.4.4

Apresentação *Japanese*

O tema é o idioma japonês, e a apresentação é a mais longa de todas, com trinta e cinco slides organizados em quatro níveis de complexidade: slides pré-definidos; slides personalizados; efeitos de inserção e transição; e música de fundo. O número elevado de slides não significa, entretanto, que todos sejam visualmente diferentes entre si, uma vez que alguns deles são apresentados repetidamente com pequenas variações, o que serve para conferir unidade à

apresentação e também para marcar a divisão em blocos temáticos, como será explicado a seguir.



Slide 1



Slide 2

Figura 52 – Apresentação *Japanese*, abertura

Num primeiro momento, quando o slide 1, que apresenta o tema, é projetado, ouve-se música típica japonesa enquanto o autor aguarda alguns instantes para que os espectadores observem e assimilem a informação. Há, portanto, oportunidade de ativação do sistema duplo de processamento através dos canais acústico e visual (Mayer, 1997). Este slide evoca o conhecimento de mundo dos participantes, ao mostrar duas imagens que facilmente se associam ao Japão ou à cultura oriental: a estátua de Buda e o símbolo do sol nascente, nas cores branco e vermelho, as mesmas da bandeira japonesa. No centro do círculo vermelho há algo escrito em caracteres japoneses, e cabe ao apresentador explicar ao público do que se trata. Essa explicação se segue a um toque que faz a palavra “Japanese” suavemente desaparecer, e sinaliza o início da fala do apresentador, com música ao fundo.

Ao fazer a transição simples para o slide 2, a música cessa e o apresentador, contrariando a expectativa que normalmente se tem de ver o sumário da apresentação no slide que se segue ao título, revela o mapa do Japão, com as cidades mais importantes em destaque. Não há texto inserido neste slide, a não ser a pequena legenda que faz parte da figura como um todo e não pode ser dele separada. Neste caso, a imagem serve de ilustração para o texto verbal produzido pelo apresentador, que explica que os temas a serem tratados serão a cultura e a língua japonesa.



Slide 3

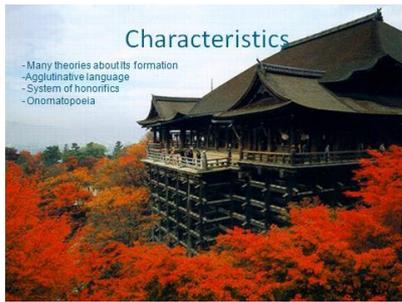


Slide 4

Figura 53 – Apresentação *Japanese*, sumário e contextualização

O sumário do conteúdo é então exibido no slide 3, de forma bastante abreviada: “What and Why”, “Characteristics”, “Top Topics” e “Closing”, sendo cada item precedido de um marcador e seguido de sua tradução em caracteres japoneses. O plano de fundo deste slide é uma fotografia facilmente identificada com o Japão, o Monte Fuji, e o efeito, como no primeiro slide da série, é o de dar ao espectador a sensação de contextualização e envolvimento, ou seja, “sei do que trata, estou pronto para ouvir”. No slide 4, o mapa do Japão exibido no slide 2 volta a ser mostrado, e o procedimento se repete nos slides 6, 8, 11, 16, 18 e 20. Essa imagem, por sua natureza recorrente, assume primeiramente o papel de elemento unificador da apresentação e depois, na última vez em que aparece, marca a transição para uma nova fase, já que o slide 19 traz a inscrição “Closing”, que supõe-se indicar o final da série. Na verdade, após a última exibição do mapa haverá ainda outros quinze slides, estes exclusivamente dedicados à língua japonesa, seus sons, sua forma escrita, sua composição, todo o conjunto representando uma mini-aula de japonês, como passarei a detalhar mais adiante.

O recurso de aproximação dos espectadores através de imagens, utilizado no Slide 3, é repetido nos slides 5, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17 e 19. Como não há, nesses casos, efeitos de animação para inserção do texto, este e a imagem são apresentados juntos e processados ao mesmo tempo, o que leva os espectadores a assimilarem mensagens codificadas através de modos semióticos diferentes.



Slide 5



Slide 7

Figura 54 – Apresentação *Japanese*, características culturais

No caso do slide 5, por exemplo, os espectadores compreendem que o título “Characteristics” refere-se às características do idioma japonês explicitadas no slide, mas a foto que cobre a tela os leva a pensar nas características culturais do povo japonês e, possivelmente, nas relações entre os dois temas. No slide 7, onde o elemento cultural não é tão facilmente determinável visualmente, uma vez que a foto poderia ser associada a uma cidade de outro país que não necessariamente o Japão, o apresentador convida os espectadores a considerar as diferenças culturais através do recurso de especular sobre os usos de “símbolos” e “letras”. A aparente disparidade entre imagem e texto faz pensar na função *representacional* (KRESS e VAN LEUWEN, 1996) das imagens exibidas, já que esta função remete à natureza dos cenários e às situações nelas contidas.



Slide 13



Slide 14



Slide 15

Figura 55 – Apresentação *Japanese*, imagens como contextualização

Nesta apresentação, na maioria dos slides em que o apresentador busca a aproximação dos espectadores através de fotografias, a imagem constitui o plano de fundo para inserção de texto, mas nos slides que mostram cenas urbanas, exibidos acima, na Figura 55, as imagens representam a contextualização da fala do apresentador, sem exibir nenhuma palavra escrita. Seria possível dizer-se que

nesses casos uma imagem vale, se não mil, pelo menos várias palavras, dada a sua força representacional e composicional.



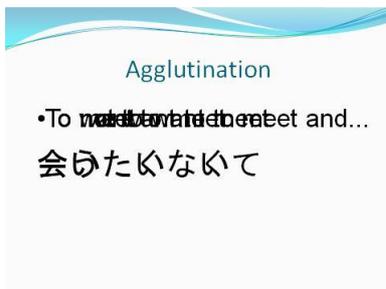
Slide 19



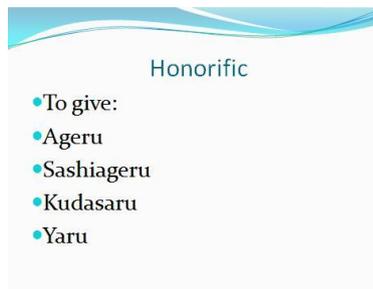
Slide 20

Figura 56 – Apresentação *Japanese*, transição para a segunda parte

A Figura 56 reproduz os slides que, como já anteriormente dito, marcam o encerramento da primeira parte da apresentação e o início da segunda, a mini-aula de japonês, constituída de quinze slides. Estes, uma “apresentação-dentro-da-apresentação”, diferenciam-se dos anteriores não só pelo conteúdo como pelo tratamento visual, que será detalhado a seguir.



Slide 21



Slide 22

Figura 57 – Apresentação *Japanese*, aula de idioma

A partir do slide 21, o autor faz uso de um dos modelos oferecidos pelo programa Power Point, onde o fundo é branco e cada slide tem um desenho ondulado na parte superior, em um tom de azul que é também usado nos títulos e nos marcadores. A transição entre os slides é simples e a primeira imagem projetada é sempre o fundo branco onde o texto vai sendo inserido linha a linha, com animações personalizadas. Este padrão se repete em oito dos quinze slides dessa segunda parte (21, 22, 23, 28, 29, 30, 31 e 35), inclusive no último, que exhibe apenas uma palavra japonesa cujo sentido cabe ao autor explicar.

Os slides 25, 26 e 27, ilustrados na Figura 58, não usam a borda azul ondulada, e têm toda a superfície branca ocupada por tabelas onde se pode ver os três tipos de alfabeto japonês, cada símbolo (escrito em preto) seguido por uma aproximação fonológica transcrita em alfabeto romano (em azul).

あ a	い i	う u	え e	お o
か ka	き ki	く ku	け ke	こ ko
さ sa	し shi	す su	せ se	そ so
た ta	ち chi	つ tsu	て te	と to
な na	に ni	ぬ nu	ね ne	の no
は ha	ひ hi	ふ fu	へ he	ほ ho
ま ma	み mi	む mu	め me	も mo
や ya		ゆ yu	よ yo	
ら ra	り ri	る ru	れ re	ろ ro
わ wa				を (wo)
ん n				

ア a	イ i	ウ u	エ e	オ o
カ ka	キ ki	ク ku	ケ ke	コ ko
サ sa	シ shi	ス su	セ se	ソ so
タ ta	チ chi	ツ tsu	テ te	ト to
ナ na	ニ ni	ヌ nu	ネ ne	ノ no
ハ ha	ヒ hi	フ fu	ヘ he	ホ ho
マ ma	ミ mi	ム mu	メ me	モ mo
ヤ ya		ユ yu	ヨ yo	
ラ ra	リ ri	ル ru	レ re	ロ ro
ワ wa				ヲ (wo)
ン n				

種 福 配 子 葬 住 始 苦 陽 患				
流 野 仔 朝 全 集 相 武 相 武 安				
流 干 箱 調 相 容 齒 君 部 暗				
流 忌 烟 酒 送 呼 壽 稱 廣 医				
岡 勉 務 空 想 筆 次 敷 服 染				
録 放 反 復 忌 即 事 (血) 岸 齋				
社 味 坂 簡 運 附 持 決 起 育				
列 命 精 終 祭 酒 式 研 助 鳥				
練 面 皮 軟 他 商 突 順 客 院				
路 間 悲 露 打 察 写 康 究 飲				
和 促 美 度 刈 勝 者 湖 急 凍				
源 (藥) 投 侍 樂 主 向 敬 泳				
由 華 豆 代 帳 守 季 宮 膠 冰				
由 水 筋 筆 半 取 (舊) 球 (器)				
有 衣 湯 顯 身 酒 写 去 福				
遊 抄 登 岸 神 受 根 橋 屋				
子 病 等 短 高 州 祭 業 議				
洋 島 業 普 進 終 任 局 尚				
業 部 繼 注 世 習 死 經 身				
陽 服 洗 柱 藝 集 使 区 開				

Slide 25

Slide 26

Slide 27

Figura 58 – Apresentação Japanese, os alfabetos

A Figura 59 permite notar que após essa série de alfabetos o slide 28 volta a usar o padrão de borda ondulada para ilustrar os “alfabetos auxiliares”, e mostra um número bem reduzido de símbolos, se comparado ao número exibido nos três slides anteriores. Outra diferença é que neste slide os símbolos aparecem em tamanho bastante grande, em três cores diferentes – cada cor presumivelmente remetendo a um alfabeto. É um exemplo do valor composicional e representacional dos símbolos, com suas cores, tamanho e disposição no slide.



Slide 28

Figura 59 – Apresentação Japanese, uso de cor para ênfase e diferenciação

A Figura 60 mostra a transição para o estágio final da apresentação, que diz respeito à etimologia e evolução da língua. O slide 29 marca essa transição, com símbolos e seus significados e, após mais três slides com exemplos de formação de palavras em japonês, o slide 32 exibe uma tabela (seis colunas e cinco linhas) onde se vê a transformação de seis caracteres ao longo de cinco períodos históricos.



Slide 29

Slide 32

Figura 60 – Apresentação *Japanese*, etimologia

Ao se aproximar o fim da apresentação, os slides 33 e 34, ilustrados na Figura 61, retomam o estilo empregado no início, com uma fotografia e um mapa.

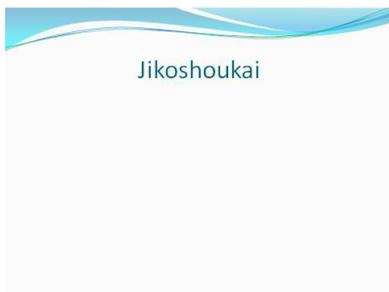


Slide 33

Slide 34

Figura 61 – Apresentação *Japanese*, retomada do estilo inicial

A fotografia, em tom sépia, mostra o estilo clássico de se grafar os caracteres japoneses, com pincel, em papel de arroz, e constitui o complemento visual do relato histórico que foi feito da evolução da língua. O mapa, não mais do Japão, mas um mapa-mundi, exibe os locais do globo onde houve imigração japonesa. Este slide, o penúltimo, tem a dupla finalidade de concluir a fala e a justificar sua relevância, baseada no fato de que se trata de um idioma falado em vários lugares do mundo. Durante a projeção volta-se a ouvir música japonesa ao fundo, como no primeiro slide da apresentação.

**Slide 35****Figura 62 – Apresentação Japanese,**

O último slide, exhibe apenas uma palavra, que o apresentador traduz. É digno de nota que mesmo antes da explicação os espectadores são capazes de interpretar o sentido da palavra, um agradecimento, dada a linguagem corporal do apresentador, que se curva diante deles e sinaliza o final de sua fala.

As quatro apresentações analisadas neste trabalho exemplificam a necessidade do multiletramento semiótico a que se refere Rojo (2009), para que o autor possa codificar a informação no estágio de produção e durante o evento, e para que o público possa decodificá-la enquanto assiste. Como dito anteriormente, a competência genérica multimodal atuante no espaço retórico “apresentação em sala de aula de inglês como língua estrangeira” envolve a capacidade de interpretar a língua falada pelo apresentador, a língua escrita nos slides, e as mensagens explícita ou implicitamente veiculadas pelas imagens.

É fundamental lembrar que em todas essas situações é a partir da interação entre o conhecimento de mundo de cada membro do público e a informação apresentada que se constrói o conhecimento, seja a informação textual, gráfica, numérica ou figurativa, segundo a classificação de Rowley-Jolivet (2002), ou codificada em diferentes níveis de complexidade, segundo o modelo proposto neste trabalho. É, portanto, lícito repetir que cada apresentação pode ser vivenciada de forma diferente pelos membros da comunidade de prática ali reunidos, e que cada um dos participantes pode encontrar no evento algo que lhe interesse (ALLWRIGHT, 2005). Dentre o que foi encontrado, segundo sua avaliação final da experiência, já discutida na seção 4.3.5 do capítulo de Percepção dos Aspirantes e transcrita no Anexo 4, destacam-se

- a prática da expressão oral na língua inglesa;

- a capacidade de apresentar-se em público;
- a possibilidade de explorar os recursos do programa;
- a oportunidade de aumentar o poder de criação;
- a oportunidade de interagir com a turma.

Essas opiniões corroboram a sugestão deste trabalho de que a prática de produzir e conduzir apresentações em Power Point é um recurso didático valioso para estimular a expressão de opiniões e pensamentos em atividades ligadas à prática oral, desenvolver a criatividade e encorajar a integração dos aprendizes com seus colegas de turma, num contexto de aprendizagem de inglês como língua estrangeira.